

Milan RYZL

A Sobrevivência Post-Mortem¹

*Bioquímico Tcheco. Nasceu em 22 de maio de 1928, em Praga, Tchecoslováquia. Estudou na Charles University, Praga (D.Sc., 1952). Pertenceu ao Instituto de Biologia da Academia de Ciência da Tchecoslováquia, foi membro da Parapsychology Association e vencedor do prêmio McDougall para pesquisa em parapsicologia no ano de 1962. Ele é considerado uma das principais citações em parapsicologia no Ocidente. Ryzl tomou um interesse especial na cognição paranormal de sujeitos sob hipnose. Tentou desenvolver um método pelo qual a ESP de tais sujeitos pudesse ser trazida sob controle voluntário. Organizou estudos parapsicológicos em Praga e obteve também um posto como bioquímico na Academia de San José, Califórnia. Trabalhou por um tempo no Laboratório de Parapsicologia na Universidade de Duque e em 1963 escreveu uma série de documentos com J. G. Pratt. Ele é creditado como sendo a primeira pessoa a escrever sobre parapsicologia na Europa comunista.*²

O mistério da morte e a crença em alguma espécie de existência continuada em outro mundo tem sido uma questão importante no pensamento do homem desde os tempos pré-históricos. Já o homem de Neandertal ponderava sobre ela. Desde aqueles tempos, os ritos do enterro e a questão da existência post-mortem têm exercido um papel crucial na maioria das religiões.

Esta crença milenar exerce também um papel essencial no espiritismo moderno. Se desconsiderarmos as diferenças não importantes entre as seitas individualmente, o papel mais importante dos ensinamentos espíritas (ou da religião) está na crença de que uma parte imortal da pessoa humana — o espírito — sobrevive depois da morte do corpo e continua sua existência com aproximadamente as mesmas qualidades, interesses e atividades que eram características da pessoa durante sua vida terrena. A única importante diferença é a ausência de corpos materiais no mundo dos espíritos. Alega-se, além disso, que esses espíritos que sobrevivem podem comunicar-se com os homens e influir sobre nossa vida material, por intermédio de certas pessoas especialmente dotadas (denominadas médiuns). Supõe-se que essa comunicação ocorre quando o médium se acha num estado de transe especial; os espiritistas crêem que, quando o médium se encontra nesse estado, seu corpo é possuído pelo "espírito" que se utiliza desse corpo para transmitir sua mensagem.

Quando a mudança da personalidade do médium para a do "espírito" se torna completa, o médium sente e age como se fosse o verdadeiro espírito. Esse foi o caso na sessão a que assisti com o grupo de estudantes. Muitas vezes a mudança não se opera de maneira completa. Nessa ocasião o médium tem apenas uma experiência de alucinação na qual vê o espírito e o ouve falar.

A origem da doutrina espírita está nessas comunicações em estado de transe. Nesse estado o médium descreveu o mundo do além (ao mesmo tempo que os adeptos acreditavam que a informação vinha diretamente dos "espíritos" que os desejava esclarecer) e a descrição assim recebida formou a base do credo espírita. Esse aspecto proporciona ao espiritismo certo traço de experiência louvável.

O espírito desde os seus primórdios foi uma revolta do empirismo contra a rigidez dos dogmas religiosos. Seus fundadores e adeptos não se sentiam satisfeitos com os dogmáticos artigos de fé; desejavam que sua religião se baseasse em sua própria experiência. Não estavam também satisfeitos com a situação da sociedade então existente — com inexorável competição entre os indivíduos, igrejas, povos e Estados e com os sérios conflitos econômicos dentro da própria sociedade. Desejavam basear a ordem social em princípios mais elevados e substituir a competição pela cooperação total e universal. O espiritismo continha assim um elemento racional e louvável e incontestável valor moral.

O espiritismo surgiu e desenvolveu-se no tempo de grande fermentação intelectual e religiosa e de tumultos sociais. Foi em meados do século dezenove, um pouco mais de meio século depois da Revolução Francesa que proclamava as idéias do racionalismo por todo o mundo. Foi um tempo de grandes convulsões revolucionárias na Europa. O que não deixa de ser ironia, o ano de 1848, em que as manifestações espíritas em Hydesville, N.Y., significaram o advento do espiritismo organizado, foi também o ano da publicação do "Manifesto Comunista". Nesse tempo, Darwin já estava preparando material para seu histórico livro "A Origem das Espécies", que seria publicado em 1859, dois anos depois de o "Livro dos Espíritos", de Allan Kardec e cerca de uma década depois de "Princípios da Natureza" e "Filosofia da Relação Espírita", de A.J. Davis. A Igreja dos mormons (Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias) com sua insistente pergunta, "Qual das igrejas está com a razão?" e que, incidentalmente, tem sua origem também numa experiência de êxtase e visão, combinada com elementos clarividentes, foi estabelecida somente 18 anos antes (também no Estado de Nova York). E a teosofia moderna, a monumental síntese das religiões esotéricas, dos ensinamentos de ocultismo e de filosofias antigas, de Madame H.P. Blavatsky — também com pronunciados elementos de clarividência e inspirada nas idéias de fraternidade universal e visando a expansão das potencialidades espíritas latentes no homem — nasceria na distante Índia menos de uma geração depois.

As sessões espíritas, em que o médium em transe descrevera o "mundo dos espíritos", podem ser consideradas como uma espécie de primeiros experimentos na área de religião. É sem dúvida louvável o esforço dos espíritas em obter informações sobre o "mundo do além" em tal cenário de experiência.

Lembremo-nos nesse sentido que a primeira igreja cristã também introduziu alguns elementos empíricos — não muito diferentes das sessões espíritas modernas — na experiência de êxtase em seguida ao "batismo com o Espírito Santo" (Mateus 3:11). Não podemos também esquecer o elemento sadio de ceticismo e desconfiança em tudo que se apresenta para crença sem prova suficiente, que se achava já presente na primeira igreja cristã. Tomás recusou-se a crer cegamente (São João 20:25) no que outros apóstolos relataram. Desejava ter sua crença baseada em sua própria experiência. (Somente depois os

chefes ideológicos da Igreja convenientemente encontraram a mais alta virtude na crença cega que renunciava à necessidade de confirmação.)

A abordagem empírica dos espíritas talvez tivesse levado à primeira "religião científica" se seus fundadores fossem apenas mais críticos. Toda a doutrina do espiritismo se ergue e cai com a asserção vinda dos lábios do médium de que é o espírito que está verdadeiramente falando e dando sua mensagem. O testemunho desse alegado "espírito" é aceito como a única fonte de informação sobre o mundo do além. Tudo o que os médiuns diziam era geralmente aceito como verdadeiro e pouca análise crítica se tentava no tocante a suas afirmações. Se ocorriam algumas discrepâncias entre as declarações deles, eram explicadas como sendo mentiras pregadas por espíritos enganadores.

A mais séria dificuldade nessa doutrina está em a simples asserção "sou eu, o espírito de X.Y. que fala através do médium" ou em o médio comportar-se *como se* o espírito estivesse realmente falando, jamais ser equivalente a uma prova de que essa asserção é verdadeira.

Não devemos esquecer o incontestável fato da neurofisiologia moderna de que toda atividade mental normal se acha estreitamente ligada à função não perturbada do cérebro vivo. Qualquer interferência no estado não perturbado do cérebro (como por meio de drogas, lesão ou operações) afeta nitidamente a atividade mental. Como poderíamos, portanto, crer que todos os potenciais psíquicos do homem poderiam sobreviver com plena potência em seu espírito mesmo depois da desintegração de seu cérebro?

Mais ainda, vimos anteriormente que o desempenho do transe pelo médium — não obstante suas asserções ao contrário — não é uma manifestação do espírito, mas advém de forças psicológicas interiores na mente do médium. Quando sabemos, portanto, que a declaração do médium "é o espírito que fala através do médium" é falsa, como podemos acreditar na verdade do restante?

Podemos deixar de lado, em nossas considerações, os falsos médiuns e levar em conta apenas o caso comum de um médium honesto que sinceramente crê em sua "missão". O médium em transe é altamente sugestível, e todas as suas experiências passadas, crenças, desejos ou mesmo opiniões que manifestou ou sugeriu em observações ou em razão de perguntas dos participantes de uma sessão podem ficar refletidas nos pronunciamentos, no estado de transe. Naturalmente essas influências vindas de dentro do médium ou dos participantes da sessão forçosamente deturpam qualquer manifestação contingente da percepção extra-sensorial ou de alguma influência desencarnada (se é que existe alguma).

Isto é o que, aparentemente, aconteceu no começo do espiritismo: as declarações dos primeiros médiuns foram influenciadas pela crença popular em espíritos então generalizada. Essa crença determinou o conteúdo das primeiras "mensagens". Tempos depois, quando a doutrina já estava sistematizada, os outros médiuns tiveram que estudar e aceitar essas crenças antes que pudessem começar a carreira de médium. Essas doutrinas que se absorveram influenciaram as manifestações das gerações de médiuns seguintes. Assim, os mesmos ensinamentos foram pregados vezes sem conta, o que aparentemente criou a impressão de confirmação.

O conteúdo das mensagens mediúnicas pode ser baseado em alguns achados da percepção extra-sensorial. Além disso, é influenciado pelas convicções e crenças do médium inclusive a doutrina espírita. Se alguns elementos dessa doutrina são verdadeiros, o médium poderá repeti-los em transe, mas isto *não* é uma confirmação independente de sua exatidão; é meramente uma repetição inconsciente do que o médium aprendeu antes. O médium aceitaria e "confirmaria" do mesmo modo ensinamentos errados também.

As declarações exatas do médium têm, portanto, duas fontes: (1) impressões exatas de percepção extra-sensorial e (2) ensinamentos aceitos que são exatos. Dessas duas fontes apenas a primeira pode ser aceita como fonte válida de informação fidedigna; a outra é mera repetição que não pode, independentemente, confirmar sua exatidão. Do mesmo modo, declarações erradas do médium provêm de (1) impressões erradas de percepção extra-sensorial, e (2) de ensinamentos aceitos porém errados. Podemos facilmente ver o quanto é difícil reconhecer onde está a verdade objetiva. A única coisa que nos é acessível são as declarações do médium. Mas como podemos descobrir qual delas se baseia em impressões de percepção extra-sensorial exatas? Se tivéssemos um médium dotado de uma percepção extra-sensorial absolutamente segura (confirmada repetidas vezes em eventos de nossa vida cotidiana que possam ser verificados) confiaríamos mais nele. Mas não há presentemente médiuns com percepção extra-sensorial absolutamente segura.

As declarações do médium podem ser uma confabulação do princípio ao fim (o que pode ser completamente sem intenção, do mesmo modo que se dá com um sonho) ou podem conter certo elemento de verdade que, entretanto, pode ser deturpado em vários graus pela *psique* do médium em sua intervenção. Essa deturpação pode ser muito pequena como também pode ser muito grande, tão grande que tira toda fidedignidade à mensagem.

Como poderemos descobrir até que ponto as declarações do médium são seguras?

Se se formulasse essa pergunta ao físico — não no caso de um médium, porém com referência a algum de seus instrumentos de medição sua tarefa seria bastante fácil. Ele faria várias medições diferentes com seu instrumento; ou, na melhor das hipóteses, construiria vários instrumentos diferentes para medir a mesma quantidade de maneiras diferentes. Ele compararia as diferentes medições, veria a exatidão de seus resultados e teria logo a resposta desejada.

Um psicólogo, a quem se formulasse essa mesma pergunta, ao julgar a fidedignidade de um testemunho, teria tido uma tarefa consideravelmente mais difícil. Nesse caso também pode-se encontrar a solução comparando os dados *recebidos independentemente*. Contudo, ele não poderia pedir testemunhos repetidos da mesma pessoa, como o fez o físico quando empregou várias vezes os mesmos instrumentos de medição. O psicólogo talvez leve em conta que cada pessoa se lembra de seus depoimentos anteriores; por conseguinte, o testemunho seguinte da mesma pessoa não seria independente dos anteriores e não traria confirmação.

O psicólogo, portanto, empregaria seguramente vários médiuns e pediria seus depoimentos independentes um do outro, que depois compararia para verificar a semelhança. Seu interesse básico estaria em assegurar que os depoimentos dos diferentes médiuns haviam sido feitos realmente independentemente um do outro. Teria primeiro que eliminar todo

contato sensório entre eles e entrevistá-los separadamente para ter certeza de que ignoravam as declarações uns dos outros. Precisaria também que não se conhecessem e jamais se tivessem encontrado antes a fim de impedir uma combinação. Cuidaria depois de eliminar possíveis semelhanças em seu pensamento: não deviam ter as mesmas crenças, os mesmos desejos ou as mesmas experiências no passado; a leitura de seu passado não teria importância para o conteúdo do depoimento tampouco suas conversações passadas, com amigos etc.

Podemos facilmente ver as grandes dificuldades que o psicólogo tem que enfrentar se deseja descobrir a verdade. Por conseguinte, a tarefa de um parapsicologista é ainda mais difícil visto que ele também tem que levar em consideração a percepção extra-sensorial. Com o propósito de assegurar a independência dos depoimentos, por exemplo, não pode contentar-se inteiramente com entrevistas separadas e com medidas para evitar combinação; tem também que levar em consideração a possibilidade de que as pessoas entrevistadas podem comunicar extra-sensorialmente sem contato físico, através da telepatia.

Esses são o tipo de problemas que os espíritas têm que resolver primeiro. Naturalmente eram difíceis de resolver no século dezenove com o nível de conhecimento científico daqueles tempos (são difíceis de resolver até mesmo hoje!), contudo os espíritas os deixaram de lado inteiramente. Tinham que dirigir a atenção primeiramente para os aspectos fenomenológicos da percepção extra-sensorial e outras capacidades afins e tirar as próprias implicações dos achados então obtidos. Ao invés, transformaram suas sessões em reuniões familiares e sociais nas quais se entregavam a conversações triviais com os "espíritos" (em cuja existência acreditavam sem prova adequada).

A despeito dessa simplicidade aparente, o espiritismo tem tido suas características positivas e valiosas.

Tem sido um poderoso consolo para os que perderam seus entes queridos e libertou o homem do medo da morte. (Não é uma bela esperança que, depois da morte, encontraremos todos aqueles que amamos durante a vida e que teremos uma vida excelente depois — dependendo, é claro, da honestidade e moralidade que observamos na vida terrena?)

Continha também poderoso estímulo moral na prometida recompensa post-mortem para as boas ações realizadas durante a vida — quer no mundo do além quer — possivelmente — na encarnação seguinte.

Provavelmente a maior força moral no espiritismo seja a idéia da solidariedade cósmica. Ele proclamava não só a fraternidade de todos os homens (como o faz o cristianismo) não meramente amor por todas as criaturas vivas (como o faz o hinduísmo) como também proclamava uma fraternidade e cooperação universais de todos os seres — visíveis e invisíveis — em todo o universo sob o governo e a direção do mais alto espírito cósmico: Deus.

Com a vitória do espiritismo, todas as guerras, todas as inimizades entre os povos, desapareceriam e estabelecer-se-ia um belo mundo utópico em que todos os homens e

todos os espíritos e outros seres super-humanos — que se presume — cooperariam para o progresso moral do mundo.

A despeito desses ensinamentos com atraentes características, a despeito de o espiritismo ter recrutado para suas fileiras milhões de adeptos, nosso primeiro interesse está na verdade científica. Examinemos, portanto, se esses ensinamentos são exatos ou não.

A base do espiritismo está em sua doutrina de que certa parte da personalidade humana (e os espíritas afirmam: uma parte *inteligente*) sobrevive depois da morte. Descobrir se essa asserção é exata ou não é um problema que deve ser resolvido pela investigação científica. A afirmação dos espíritas de que a sobrevivência post-mortem é uma realidade não tem valor evidencial. Na maioria dos casos, os alegados espíritos são criações da imaginação dos médiuns. Mas se pudéssemos descobrir um único fato que provasse indubitavelmente que a personalidade humana sobrevive à morte corporal, seria uma descoberta da máxima importância para toda a humanidade.

Voltemos-nos agora às principais tentativas para fornecer a prova da sobrevivência. Os grandes esforços na busca dessa prova seguiram estas normas: (1) estudo de alguns fenômenos parapsicológicos espontâneos (por exemplo, as aparições de fantasmas de pessoas mortas); (2) casos de lembranças que se alegou de vidas anteriores; (3) observações de médiuns; e (4) tentativas ocasionais visando uma solução experimental.

Graças a suas disposições emocionais, a vista de fantasmas de pessoas mortas (especialmente de entes queridos) parece emprestar grande força convincente à questão de sobrevivência. Aparições de mortos foram observadas desde os tempos antigos. As aparições de Jesus Cristo depois da Ressurreição constituem exemplos típicos desse tipo de experiência (embora recebessem um significado diferente na tradição cristã).

Como exemplo moderno do mesmo tipo, podemos citar um caso que, entretanto, se tornou um clássico na pesquisa psíquica: a irmã do sr. F.G. morreu de cólera à idade de 18 anos. Ele fora muito afeiçoado a ela durante sua vida, mas não pensara especialmente nela por ocasião de sua experiência que ocorrera nove anos depois. Num dia de sol, brilhante, ao meio-dia, achava-se ele em sua sala escrevendo umas cartas comerciais. Subitamente sentiu que alguém se achava sentado a seu lado. Virou-se e viu a forma de sua irmã morta. A visão era clara e como que dotada de vida. O fantasma parecia perfeitamente natural em sua aparência e trajava a roupa que a irmã usava em sua vida. Ele saltou presa de alegria e chamou a irmã pelo nome, mas a aparição desvaneceu-se instantaneamente.

Aquela visão impressionou-o tão fortemente que ele tomou o trem no dia seguinte e ao chegar em casa contou aos pais sua experiência. Quando contou à mãe que viu uma arranhadura no rosto da irmã, ela ficou profundamente emocionada e o informou que ela realmente havia arranhado sem querer o rosto da filha quando preparava o corpo para o sepultamento. Apagara cuidadosamente todos os traços da arranhadura com pó e nada contara aos outros no tocante a esse pormenor.

Seria esse caso realmente uma visita da jovem morta que viera "cumprimentar" o irmão e, talvez, falar-lhe sobre a arranhadura na face? Para a mãe deles, a visão de F.G. era uma prova irrefutável da sobrevivência da filha. Acreditava que tinha sido o espírito dela, pois

nenhuma pessoa viva tivera conhecimento daquele arranhão. Morreu passado certo tempo firmemente convencida da sobrevivência.

Contudo, esta não é a única explicação possível sobre essa experiência. Outra explicação ajusta-se melhor no arcabouço de nosso conhecimento atual: F.G. podia ter obtido informação sobre o rosto arranhado através de uma rápida clarividência ou de telepatia por intermédio da mãe. (O fato de nenhuma outra pessoa viva saber sobre a arranhadura era completamente irrelevante.) Ademais, é fato muito conhecido que as impressões de percepção extra-sensorial são muitas vezes simbolicamente distorcidas. Talvez tivesse sido esse o caso. O que o sr. F.G. viu não foi o espírito da irmã, porém uma visão alucinatória em que a impressão de percepção extra-sensorial assumiu simplesmente a imagem do fantasma.

Parece absurdo hoje em dia acreditar que a visão de um fantasma pudesse ser interpretada como prova de sobrevivência. (As aparições geralmente estão vestidas. Quer isso dizer que as roupas também têm seus espíritos que sobrevivem — mesmo que a roupa verdadeira esteja ainda dependurada no guarda-roupa do morto?) E como se explicaria o caso que se segue?

A srta. H.G. tinha um gato favorito dotado de uma cor peculiar. Não havia outro gato na vizinhança que se igualasse a ele. Pouco tempo antes da morte do gato, este começara a manquejar como resultado de uma briga que tivera com um cão. Certo tempo depois da morte do gato a srta. H.G., olhando pela janela, viu o animalzinho manquejando no gramado. Três outras pessoas viram-no também. Começaram a pensar se não teria havido algum engano no tocante à morte dele; aconteceu, porém, que o jardineiro lhe desenterrou o corpo.

Há inúmeros casos desse tipo que foram registrados. Significa isso que o espírito dos animais sobrevive também?

Além disso, há registro de inúmeros casos em que não se pode interpretar a aparição como a visão de um espírito que sobreviveu e que permite apenas interpretar por meio de percepção extra-sensorial. Foi o que se passou com a célebre visão do poeta alemão J. W. Goethe que, em sua autobiografia *Dichtung und Wahrheit*, relata uma estranha visão que teve quando, uma vez, deixara profundamente amargurado sua amada, Frederika, e partira a cavalo:

"Quando eu percorria o caminho que conduz a Drusenheim, fui presa de estranha experiência. Não com os olhos do corpo, porém com os do espírito. Vi minha própria figura vindo a cavalo em minha direção, trajando uma roupa que nunca usei, de cor cinzenta e renda dourada. Sacudi a cabeça para afastar aquele devaneio e a figura desapareceu. Oito anos depois, vi-me naquele mesmo caminho indo visitar Frederika, trajava a mesma roupa que eu vira em minha visão, se bem que fora simplesmente acidental tê-la vestido."

O estranho concomitante emocional que sustenta o caso de sobrevivência geralmente sente-se tão-somente em experiência em que as aparições são vistas pelo percipiente em estado de vigília, como foi o Caso do Rosto Arranhado. Há, entretanto, registro de inúmeros casos em que o mesmo tipo de visão da forma de um fantasma ocorreu durante o sono,

quando o percipiente experimentou um vívido sonho que transmitiu informação clarividente ou telepática. A aparição de uma pessoa morta num sonho (porque é "apenas" um sonho) não nos provoca emoção, e prontamente aceitamos a explicação de que o sonho representa uma manifestação simbólica de alguma impressão de percepção extra-sensorial. Foi, por exemplo, o caso de Marius G. No caso de Hilprecht a imagem do sonho dramatizou-lhe o conhecimento que poderia ter sido adquirido mesmo sem qualquer percepção extra-sensorial.

Esses dois tipos de experiência (em sonho ou em estado de vigília) são, em princípio, da mesma natureza, diferindo apenas no estado psicológico do percipiente. Têm, portanto, que ser explicados numa base uniforme. Evidentemente não podemos confiar em julgamentos afetados pela emoção porquanto são inseguros e frutos de uma propensão própria do indivíduo. (Para o membro de uma comunidade menos aprimorada, o sonho traria a mesma convicção no tocante à sobrevivência como a aparição da forma de um fantasma em estado de vigília.)

O caso seguinte é muito elucidativo nesse sentido. Parece muito impressionante mas as circunstâncias da experiência deixam claro que foi simplesmente uma percepção extra-sensorial dramaticamente disfarçada.

N. G. Bach, um jovem parente do famoso compositor, gostava de coisas antigas. Certa vez comprou uma espineta antiga (uma forma de piano do século XVI) para dar de presente ao filho. Quando examinava o instrumento, ficou agradavelmente surpreso ao descobrir nele uma marca que o datava do ano de 1564. Após essa interessante descoberta, foi dormir e teve um vívido sonho: sonhou que um homem trajando roupa medieval se aproximara dele e contou-lhe a história da espineta. O homem declarou que fora dono daquela espineta e a usara para tocar nela uma canção romântica para o rei Henrique III. O próprio rei a compusera em memória de uma bela jovem que amara, a qual foi separada, à força, dele, enviada a um convento onde foi envenenada. O homem dirigiu-se depois para a espineta e tocou com tanta expressão a canção que Bach despertou com os olhos lacrimejando; mas logo caiu novamente no sono.

Na manhã seguinte Bach encontrou ao lado da cama uma folha de papel na qual estava escrita a canção que ouvira quando dormia, escrita com as antigas notações da música francesa. (Ele provavelmente a registrará durante seu sonho.) Sabe-se que Henrique III amara Marie de Clèves, marquesa d'Isle, que morreu em 1574 num convento. Sabe-se também que, entre seus favoritos na corte, havia um músico italiano chamado Baldassarini.

Mais tarde, Bach, que praticava escrita automática, escreveu automaticamente uma mensagem em francês moderno anunciando que o rei Henrique III doara a Baldassarini aquela espineta. A mensagem informava ainda que essa doação foi escrita pelo rei numa folha de pergaminho e colocada na caixa em que o instrumento foi enviado a Baldassarini. O músico removeu o pergaminho da caixa e fixou-o num lugar secreto, dentro da espineta. Bach imediatamente tratou de procurá-lo, mas não conseguiu na ocasião encontrá-lo. Mas acabou depois encontrando-o oculto num lugar pouco visível, isso somente depois de ter desmontado o instrumento. Estava escrito em francês antigo e confirmava a informação anterior. Os dizeres e as peculiaridades gramaticais (o uso de "ma" em vez de "mais") da inscrição no pergaminho indicavam que fora realmente o rei Henrique III quem escrevera.

Pelo que sabemos agora sobre a percepção extra-sensorial, ela oferece uma explicação psicológica muito plausível para esse caso. A antiga espineta estava no centro de interesse de percipiente, o que poderia muito bem explicar que sua experiência de percepção extra-sensorial estava orientada para sua história. (A primeira experiência seguiu-se imediatamente à descoberta da idade da espineta.) Em vista do interesse de Bach pelos objetos antigos, aquela inscrição constituía um alvo especialmente atrativo. Depois da primeira experiência do sonho, empolgado com o caso, pode muito bem ser que se entregasse à escrita automática, a qual praticou de qualquer modo. Não há indicação de uma visita da parte do espírito do antigo músico.

Até aqui, portanto, a conclusão parece ser que as aparições são experiências puramente subjetivas — muitas vezes com certo conteúdo de percepção extra-sensorial — as quais não têm relação direta com o problema de sobrevivência.

Por outro lado, registraram-se também experiências que têm certo grau de objetividade visto que foram sentidas por várias pessoas. Como explicá-las?

Há, por exemplo, o caso de um viúvo, cuja mulher morrera em 1941. Ele ficou profundamente amargurado e não podia ajustar-se à perda da esposa. Em 1944, foi enviado a uma área distante para ali trabalhar. Ali dormia na companhia de vários outros homens, numa cabana. Uma noite sonhou que a mulher se aproximara do leito e dissera: "Mack, vim para dizer-lhe que me estou sentindo muito bem e quero que você não fique mais amargurado." Ele estendeu os braços para segurá-la, ela, porém, recuou dizendo: "Oh! não deve tocar-me, e eu preciso voltar, mas não quero que continue mais amargurado." Na manhã seguinte, um dos outros homens disse: "Tive esta noite um sonho esquisito. Sonhei que ouvi uma mulher falar aqui." Um companheiro comentou: "Coisa interessante. Sonhei isso também."

A mulher do viúvo tê-lo-ia realmente visitado em seu sono para consolá-lo? Podemos oferecer uma explicação mais plausível: o pensar constantemente na esposa culminara finalmente num sonho em que sua angústia simbolizara. Talvez ele tivesse depois influenciado telepaticamente os outros homens e gravado o mesmo conteúdo em seus sonhos. (É também como poderíamos explicar casos como o de várias pessoas avistarem o gato morto. A srta. H.G. que fora a primeira a ver o gato — provavelmente como uma alucinação — parece ter influenciado telepaticamente as outras testemunhas.)

Por conseguinte, conclui-se que nem mesmo o avistarem muitas pessoas uma aparição pode provar a sobrevivência post-mortem. Seguimos aqui a regra do bom senso que é muito útil, a qual proíbe a introdução de novos princípios mais complexos quanto a uma explicação, quando o fenômeno observado pode ser explicado de um modo mais simples. Quando a percepção extra-sensorial é suficiente para explicar satisfatoriamente todos os casos de aparições observadas e quando se sabe ser da uma capacidade de uma pessoa viva (do clarividente, do médium), a idéia de espíritos sobreviventes torna-se então apenas uma complicação supérflua e sem fundamento.

Do mesmo modo, as materializações de formas de espíritos nos primeiros círculos espíritas foram apresentadas como um argumento em favor da sobrevivência dos espíritos, embora não possam comportar qualquer prova como também não pode a de se verem aparições. É

difícil julgar com segurança, pelos registros existentes, até que ponto essas primeiras observações foram baseadas em exageros ou impudentes fraudes. (Sabemos que, na maioria dos casos, tratava-se de fraudes; o argumento diz respeito apenas à questão se pelo menos *alguns deles* não seriam genuínos.) Mesmo que os fenômenos de materialização ocorressem realmente, têm que ser considerados — como os casos de percepção extra-sensorial — como efeitos produzidos pelo médium vivo.

Fenômenos de clarividência viageira foram muitas vezes apresentados como indicação de sobrevivência também. O argumento é: quando o espírito pode deixar o corpo vivo durante essa experiência e depois voltar, por que não poderia ele deixar o corpo no momento da morte e encarnar-se em outro corpo? Esse argumento é falso. A experiência subjetiva de deixar o corpo e observar o próprio corpo ou eventos em certo lugar distante *não* constitui prova de uma existência separada do espírito como não é um sonho em que se tem a experiência de voar muito alto no ar.

Casos de "clarividência viageira" ocorrem quando a informação de percepção extra-sensorial concernente a algum evento distante é recebida pelo percipiente e a experiência se transformar em uma forma de experiência fora do corpo. Esta é apenas outra espécie de distorção simbólica a que as impressões da percepção extra-sensorial estão sujeitas. Nada, porém, deixa o corpo do percipiente (exceto talvez algum "órgão de P.E.S." não material — ainda não descoberto, mas que algumas teorias sobre percepção extra-sensorial presumem).

Casos extremos de "projeção astral" — muitas vezes apresentados como marcante prova da existência de espíritos desencarnados — são as denominadas "bilocalizações" (casos em que uma pessoa foi vista em dois lugares distantes ao mesmo tempo). Muitos desses casos foram relatados da vida de santos.

Por exemplo, Santo Ambrósio (século IV AC), bispo de Milão, ao que consta, adormeceu no altar. Quando foi despertado para terminar a missa, disse que São Martinho havia morrido em Tours; que ele estava celebrando um Requiem para ele, o qual não podia terminar. Consta que ele foi, de fato, visto em Tours naquela ocasião. Ou o caso de Afonso de Liguori, de este ter jejuado em sua cela em 1774. Certa manhã, ao acordar, declarou que estivera junto ao leito do papa Clemente XIV então moribundo; diz-se que ele tinha sido visto lá.

Podemos citar um caso, dentre muitos outros semelhantes, extraído da literatura nos primórdios do espiritismo:

O timoneiro. R. Bruce viu uma vez um homem desconhecido na cabina do capitão. Assustou-se porquanto fazia vários meses que o navio se encontrava em alto mar e ele tinha certeza de que o homem se diferenciava de qualquer dos tripulantes que se achavam a bordo. Quando encontrou o capitão e voltou com ele à cabina, não havia lá ninguém. Deparam-se com uma mensagem escrita aconselhando-os a mudarem de rumo e a tomarem uma direção diferente. Deram uma busca no navio, mas não se encontrou o estranho homem. Dadas as condições atmosféricas tiveram, entretanto, que mudar de rumo. Partiram na direção indicada na mensagem. Logo depois avistaram um iceberg e ao aproximarem-se dele viram dois naufragos nele. Quando os salvou, o sr. Bruce reconheceu um dos homens como sendo a pessoa que vira na cabina do capitão. Também sua letra era igual à da mensagem. O homem contou-lhe que rezara ardentemente para que os salvassem. Durante sua prece,

adormecera e, ao acordar mais tarde, estava convicto de que sua salvação estava próxima. Declarou também que o navio lhe parecia estranho; tinha a impressão de que já havia estado nele.

Teria sido invencionice esse relato datado de um século? Talvez não fosse, visto eventos semelhantes haviam sido observados — embora raramente — em experimentos realizados mesmo em tempos modernos.

O parapsicologista sueco John Björkhem fez experiência com hipnose. Numa experiência com clarividência viageira pediu a uma jovem hipnotizada que viajasse mentalmente à casa dos pais e descrevesse o que visse lá. Ela descreveu com exatidão eventos que sucederam a várias centenas de quilômetros de distância. Os pais da jovem telefonaram poucas horas depois. Tinham visto sua figura aparecer na cozinha e estavam preocupados imaginando se isso não significaria más notícias sobre ela.

Ocorrências dessa natureza — por mais fascinantes que possam parecer — são também produzidas por pessoas vivas em estado de êxtase ou em condições semelhantes ao transe sem qualquer intervenção de espíritos. O caso abaixo, freqüentemente citado na literatura parapsicológica, mostra como, graças aos esforços de uma pessoa viva, se produziu a forma de um fantasma — podemos dizer, experimentalmente.

O sr. H. M. Wassermann gostava de fazer experiência em que procurava concentrar-se e tornar sua figura visível a outras pessoas. Certa vez, resolveu modificar a experiência e projetar a visão de alguma outra pessoa. Desejou que uma senhora, falecida havia cinco anos, aparecesse em sonho ao sr. X e o induzisse a praticar boas ações. Contrariamente a todas as expectativas, o sr. X não se recolhera ao leito naquela noite e ficara conversando com o sr. S. Subitamente a porta da sala se abriu e os dois homens viram uma figura feminina entrar; ela os cumprimentou com leve inclinação da cabeça e retirou-se depois por onde tinha entrado.

O caráter dessa experiência quase dá a entender que o espírito da mulher estivesse envolvido. A aparição era, evidentemente, o resultado da experiência do sr. Wassermann.

Se aparições não são manifestações de espíritos, qual é então a explicação no tocante a elas? Provavelmente seja diferente em casos diferentes. Algumas das aparições podem ser meras alucinações, fantasias transformadas na visão de uma forma de fantasma. Em outras ocasiões, algum elemento de percepção extra-sensorial se acha presente na experiência: conhecimento recebido por clarividência ou telepaticamente pelo percipiente é experimentado simbolicamente, disfarçado na visão de um fantasma. (O caso do rosto arranhado ou a visão de Goethe cairiam nessa categoria.) Para alguns outros casos, pode-se oferecer esta terceira explicação: parece que, durante o processo de percepção extra-sensorial, ou em alguma forte crise emocional, o homem pode criar certo traço não material que reflete o conteúdo de seu estado mental. A criação desse efeito foi observada experimentalmente como "impregnação mental". Em experimentos quantitativos de adivinhação de cartões, quando o sujeito teve a tarefa de determinar repetidas vezes, por meio de percepção extra-sensorial, o mesmo cartão escondido, ele tendia a repetir a mesma

declaração independentemente de que estivesse certo ou não. Os cartões visados eram submetidos a ele de tal modo que somente a percepção extra-sensorial é que poderia ser responsável pelo resultado. Parecia que o traço da declaração anterior do sujeito estava gravado no cartão, só poderia ser detectado pela percepção extra-sensorial, e o estimulava a fazer a mesma declaração que fizera antes.

É, portanto, possível que algum pensamento intensivo pode ser gerado e lançado em algum lugar sem deixar traços aí. Se os traços são suficientemente fortes, podem talvez ser percebidos até mesmo por visão normal. Mais provavelmente, podem ser percebidos somente por pessoas sensíveis ou pré-condicionadas, através da percepção extra-sensorial. Mesmo nesse caso, porém, é um resultado objetivo que sobreviveu depois do ato de pensar.

Essa explicação pode esclarecer melhor os casos que têm certo grau de objetividade, como a constante aparição de fantasmas num lugar, casos de bilocalização, o fantasma da jovem hipnotizada durante a experiência de "clarividência viageira" ou o êxito do experimento do sr. Wassermann.

Esses traços de eventos mentais na forma de "impregnação mental" podem, provavelmente, ser produzidos por qualquer pensamento intensivo. Contudo, situações de crises, fortemente carregadas de emoção, podem conduzir especialmente a isso. Uma das ocasiões que criam condições favoráveis para sua produção é a crise emocional de uma pessoa moribunda. Os efeitos gerados sob essas circunstâncias explicam os fantasmas e outros sinais que vez ou outra acompanham a morte (aparições de fantasmas de pessoas moribundas etc).

Contudo, tais efeitos — mesmo ativamente gerados pelo espírito do moribundo — não constituem uma existência separada do espírito sobrevivente. O que parece criado é, quando muito, apenas o traço de algum pensamento intensivo. Esse traço regularmente não é percebível pelos sentidos normais, mas pode ser percebido pela P.E.S. Quando percebido pela P.E.S., a impressão desta (como geralmente acontece com as impressões de P.E.S.) pode ser então distorcida, por exemplo, formando a visão alucinatória de um fantasma.

Outro grupo de experiência carregada de emoção que parece ter relação com o problema de sobrevivência são as *visões no leito de morte*, especialmente as que parecem indicar certo contato com a pessoa falecida, como os dois casos seguintes (publicados anteriormente no livro de William Barrett denominado "Death Bed Visions"):

Em 12 de janeiro de 1924, a sra. B. estava morrendo no hospital. Sua irmã Vida tinha morrido em 25 de dezembro de 1923, mas sua doença e morte tinham sido cuidadosamente ocultadas da sra. B. em virtude da gravidade de sua própria doença. Quando a sra. B. se achava nas últimas, disse: "Está tão escuro. Não posso enxergar." Um momento depois seu rosto iluminou-se e ela exclamou: "Oh, é encantador e brilhante; vocês não podem enxergar como eu estou enxergando." Decorridos uns instantes, acrescentou: "Estou vendo papai; ele está me chamando, sente-se tão solitário." Depois, com uma expressão um tanto confusa: "Ele tem Vida a seu lado", e virando-se para a mãe: "Vida está com ele!" Momentos depois morria.

Duas meninas, Jennie e Edith, ambas de uns oito ou dez anos de idade, eram colegas de escola e amigas muito íntimas. Em junho de 1889, ambas adoeceram, vítimas de difteria. Em 5 de junho, Jennie morreu. Os pais de Edith conseguiram ocultar-lhe esse fato. Na tarde de 8 de junho, Edith percebeu que estava prestes a morrer. Escolheu duas de suas fotografias para que fossem enviadas a Jennie. Pediu a suas empregadas que dessem a ela suas despedidas. Parecia que ela via várias pessoas amigas que sabia estarem mortas. Subitamente, e com toda a aparência de que se sentia surpresa, virou-se para o pai e disse-lhe: "Como, papai! O senhor não me contou que Jennie estava aqui." Estendeu os braços como para acolher alguém e disse: "Oh, Jennie, estou tão alegre por você estar aqui!"

Experiências dessa natureza parecem apoiar fortemente a idéia de sobrevivência. Mas nisso também, são bem plausíveis outras explicações. Notemos, primeiro, que casos dessa espécie são muito raros. Não constituem exemplos típicos de muitos outros casos semelhantes, ao contrário, parecem casos um tanto laboriosamente escolhidos para favorecer aquela hipótese. Se a experiência é rara, existe sempre a possibilidade de que se trata de mera fantasia alucinatória de origem normal que, acidentalmente, coincide com algum acontecimento significativo. Seja-nos permitido explicar nosso ponto sobre o caso precedente.

Havia evidentemente uma epidemia, e pessoas estavam morrendo. Por mais que os pais estivessem tentando evitar que a filha soubesse da morte de Jennie, pairava no ar a pesada agonia da morte, e a criança doente devia estar preocupada com sua própria morte. Talvez estivesse imaginando por que sua amiga querida, Jennie, não a visitara, pelo menos não a cumprimentasse a distância, através da janela, ou não lhe escrevera uma carta para demonstrar sua dedicação. Poderia muito bem ser que tivesse suspeitado de que alguma coisa estava mal. Durante sua crise, talvez tivesse apenas confabulado e, em sua fantasia, sonhado com Jennie — um sonho que dramaticamente expressou sua suspeita, uma suspeita que era correta.

Ou então: a percepção extra-sensorial fornece outra explicação plausível. Em sua crise, Edith tivera uma experiência de P.E.S. em que reconhecera ter Jennie morrido. (Na preocupação com sua própria morte, e quando pensava afetuosamente em Jennie, esta era um alvo especialmente favorecido para sua percepção extra-sensorial.) O conhecimento, assim obtido, foi então fantásticamente destorcido e dramaticamente experimentado como encontro com Jennie então morta. Em todo o caso, a sobrevivência post-mortem *não* é uma explicação imperiosa.

O mesmo mecanismo que envolve a percepção extra-sensorial mais a dramatização subconsciente, provavelmente pode explicar outro grupo de extraordinárias experiências de natureza espontânea, em que o agente presumidamente morto aparentemente se identifica e até parece *manifestar uma intenção ou propósito específico*. Iniciativa e manifesta atividade do agente presumidamente morto constituem um forte argumento em favor de sua existência independente. Inúmeros casos desta natureza foram registrados na literatura parapsicológica.

Por exemplo, o dr. R.H. combinara com a irmã que quem morresse primeiro tentaria dar algum sinal de sobrevivência. A irmã foi a primeira a morrer. Ao voltar dos funerais para casa, ele entrou em seu escritório e discutiu com um de seus estudantes sobre o livro de W.

James, "The Varieties of Religious Experience". Quis mencionar uma das experiências da irmã. No momento em que lhe pronunciou o nome — Anna — ouviu-se um ruído à semelhança de um tiro de revólver, e seu tinteiro foi atingido no centro. Pegou o tinteiro e foi lavá-lo. Ao voltar, ouviu uma voz dizer-lhe distintamente: "Não é esta uma prova definida?" Ele lembrou-se de que dissera à irmã: "Se você der alguma vez uma prova sobre a sobrevivência, faça-o de modo definido." O tinteiro de fato tinha sido atingido, mas não havia cacos de vidro.

Este evento, em que o agente morto parece ter produzido até mesmo um efeito físico, lembra-nos da crença popular muito generalizada de que a morte de uma pessoa pode ser assinalada por algum efeito físico: queda de um quadro da parede ou um relógio que pára etc.

Noutro caso, em resposta a um anúncio procurando uma criada, uma senhora apresentou-se e disse chamar-se Helena J. Ela causou boa impressão, foi contratada e solicitada para que viesse no dia seguinte às 9 horas. Na hora marcada uma jovem de 16 anos, Agnes J., veio apresentar-se para o trabalho. A empregadora tinha certeza de que nunca a vira antes e declarou-lhe que o lugar tinha sido preenchido. "Oh, sim, estive aqui ontem e a senhora me mandou vir hoje às 9 horas." A jovem repetiu então toda a conversa que tiveram na véspera. Confusa, a empregadora levou-a até ao quarto dela e prometeu que a contrataria se Helen não aparecesse. Esta não apareceu. Passados uns dias, a empregadora viu por acaso uma fotografia no quarto de Agnes que reconheceu ser de Helen. Aconteceu que era uma fotografia da mãe de Agnes que morrera quando esta contava dois anos de idade. Ela chamava-se Helen J. Será que a mãe protegia a filha do mundo dos espíritos?

Num caso algo semelhante, uma jovem de aproximadamente 10 anos estava fazendo travessuras no telhado de um edifício de quatro andares no qual a família tinha seu apartamento. Ela passara de um modo ou outro para uma área proibida saltando sobre os parapeitos que dividiam o telhado, quando apareceu de repente, diante dela, um homem de cabelos ruivos que lhe disse: "Sou Jim Jackson, não faça isso!" Desapareceu depois. A menina conteve-se e olhou por cima do parapeito sobre o qual desejava saltar: havia ali o tétrico abismo de uma abertura de ventilação. Se tivesse saltado, teria morrido. Muitos anos depois, já adulta, teve que obter seu certificado de nascimento. Sabia que tinha nascido em Chicago, mas não pudera descobrir onde fora registrada. Aflita, visitou a sua única parente viva, uma tia, a qual contou que era filha adotiva e que o pai se chamava James Jackson. Ela nunca tivera detalhe sobre seus verdadeiros pais, mas seu cabelo era também ruivo.

Ou, noutro caso, o pai, um dentista, desejava ardentemente que o filho viesse a ser também dentista. O pai morreu justamente quando o filho se formou na escola de odontologia. O filho assumiu-lhe o lugar. Logo depois, o jovem dentista fez a dentadura superior e a inferior para uma velha senhora. Ela voltou e contou-lhe que sonhara com um senhor de idade (a descrição indicava ser o pai dele) que lhe pedira que escrevesse umas palavras ao dentista. Ela entregou-lhe uma folha de papel, na qual, em poucas palavras, na terminologia técnica de dentista, lembrava um erro que o dentista cometera em seu trabalho. Ele examinou as dentaduras e descobriu o erro. Corrigiu-o.

Casos desta espécie são provavelmente as mais convincentes ocorrências que testemunham em favor da sobrevivência post-mortem. A dificuldade primacial, porém, é que os casos espontâneos sempre têm pouca força convincente. (Há milênios suspeita-se da existência de percepção extra-sensorial, baseada em observações de casos espontâneos, ela, porém, só se provou em experimentos de P.E.S. em laboratório.) Não podemos verificar quantos desses relatos foram forjados ou o quanto de cada um deles sofreu modificações na lembrança do percipiente durante o tempo que transcorreu entre o evento e seu relato. Ademais, todos esses efeitos — mesmo que genuínos e verdadeiros nos detalhes — podem ser explicados sem participação de uma agência sobrevivente: pela faculdade de P.E.S. da pessoa viva (talvez às vezes combinada com um efeito de PC) dramaticamente disfarçada na aparição de uma agência falecida.

Quanto mais estranho um caso, tanto mais prova convincente é necessária antes que possamos aceitá-lo como verdadeiro. Como a sobrevivência post-mortem aparentemente colide com todas as nossas experiências comuns, ela evidentemente figura numa categoria em que se necessita de provas muito fortes. Não podemos deixar de ser demasiado cautelosos no exame de casos isolados dessa natureza e, positivamente, não erramos se primeiro tentarmos arduamente descobrir possíveis falhas de qualquer aspecto imaginável.

O caso seguinte do testamento de James Chaffin provavelmente seja o caso mais bem documentado dessa natureza, na literatura parapsicológica. Auxilia-nos a ilustrar as dificuldades que encontramos em nossa busca da verdade final, no emaranhado dos testemunhos parapsicológicos. O caso apresenta-se muito convincente: o falecido James Chaffin parece ter exercido muito esforço em deixar a família saber como ele desejava dispor de sua propriedade.

Esse fazendeiro escreveu um testamento em 1905 no qual legava toda a sua propriedade a seu terceiro filho, Marshall. Em 1919, escreveu outro testamento no qual desejava que sua propriedade fosse dividida em partes iguais entre todos os seus filhos. Escreveu-o sem testemunhas e escondeu-o na Bíblia da família no capítulo 27 do Gênesis. Nunca mencionou esse segundo testamento a pessoa alguma. Não havia dúvida que seria encontrado, pois escreveu num pedaço de papel: "Leia o capítulo 27 sobre o Gênesis na antiga Bíblia de meu pai." Enfiara essa mensagem no bolso de seu sobretudo. Morreu de repente em 1921. Marshall obteve a homologação do primeiro testamento, a qual a mãe e os três outros irmãos não contestaram. Marshall morreu um ano depois da morte do pai e deixou uma viúva e um filho menor de idade. Em 1925, outro dos filhos de Chaffin, James, teve repetidas visões do pai junto a seu leito. Por fim o fantasma do pai disse-lhe: "Você encontrará meu testamento no bolso de meu sobretudo," e desapareceu. Eles encontraram o sobretudo e a nota no bolso que recomendava fosse lida a Bíblia. Encontraram a Bíblia e o segundo testamento que fora escondido nela. O tribunal aceitou o testamento como legalmente válido e dividiu-se a propriedade de conformidade com esse segundo testamento.

Esse é, em forma abreviada, o impressionante sentido do caso e como foi relatado em literatura parapsicológica. Mas ouçamos o mesmo caso com palavras algo diferentes e com uma ênfase algo mudada:

O pai, James Chaffin, nunca mencionara seu segundo testamento a pessoa alguma. Subitamente, em 1925, três anos depois da morte de Marshall (quando a viúva estava de posse da propriedade e o restante da família nada recebera), seu filho James começou a ter visões do pai. Ele ouviu (conforme testemunhou) o pai dizer-lhe que encontraria o testamento no bolso do sobretudo. Encontraram o velho sobretudo na casa de outro irmão, John, e descobriram que se cosera o forro do bolso. Cortaram os pontos e encontraram um pedaço de papel que dizia: "Leia o capítulo 27 sobre o Gênesis na antiga Bíblia de meu pai." Não procuraram imediatamente a Bíblia, mas foram muito espertos para arranjar primeiro algumas testemunhas. Com estas testemunhas dirigiram-se à casa da mãe, encontraram a Bíblia e o segundo testamento.

É uma história completamente diferente. A viúva de Marshall quis contestar o segundo testamento, mas após uma discussão particular com as partes interessadas e depois que vira as testemunhas preparadas para prestar seu depoimento, resolveu retirar sua oposição. O tribunal, portanto, lavrou sua sentença de acordo com o segundo testamento. É agora deixamos umas perguntas para que o próprio leitor responda: Foi este caso melhor uma inegável manifestação do falecido James Chaffin que retornara em espírito para assegurar que seu testamento fora encontrado? Não poderia antes ter sido um conluio ardiloso do restante da família (omitida no primeiro testamento) contra a viúva de Marshall (que se achava de posse de toda a propriedade embora fosse estranha na família)? Eles realmente tinham um excelente motivo, ao mesmo tempo que as disposições do pai Chaffin concernentes ao segundo testamento (se verdadeiro) não fazem muito sentido. Não há provavelmente um meio de descobrir a verdade agora. Mas pode a prova de sobrevivência post-mortem apoiar-se num caso tão ambíguo quanto este?

Outra experiência que se apresenta às vezes como indicadora da sobrevivência post-mortem — a experiência de *déjà vu* ("já visto") — é muito fácil de explicar. É tão comum que provavelmente tenha ocorrido a toda gente: Você chega a certo lugar onde nunca estivera antes e de repente tem a impressão de que o cenário lhe é familiar, que já o vira algures antes.

Alega-se, às vezes, erroneamente que a experiência de *déjà vu* é lembrança de alguma experiência que se teve em vida anterior. A verdadeira explicação, no entanto, é muito mais simples. Toda experiência por que passamos é composta de muitos detalhes. Alguns deles nos impressionam mais, outros menos. (Quando se encontra um amigo, talvez se lhe observe o novo terno, esquecendo-se talvez de notar a cor da gravata que ele estava usando. Ouve-se atentamente ao que ele diz sobre a família, mas alguma coisa distrai o ouvinte justamente quando ele menciona o título de um novo livro que lera recentemente.) Depois, no decorrer do tempo, esquece-se gradualmente desta experiência. Esquece-se primeiro superficialmente dos detalhes notados; outros, que causaram mais impressão, ficam mais tempo na lembrança. A reminiscência toma-se cada vez mais vaga e gradualmente se desvanece. Pode então ocorrer que a gente se encontre numa situação que, em certo aspecto, semelha aquela outra experiência meio esquecida. Os detalhes da experiência anterior são, entretanto, esquecidos, mas quando a nova experiência revive traços latentes do passado, pode-se ainda experimentar, pelo menos, uma vaga sensação de

familiaridade. (Digamos, você encontra outro homem com traje idêntico ao de seu amigo. Você acha o terno do homem desconhecido "familiar" e talvez sinta dificuldade em lembrar-se onde o viu antes; ou, você vê o livro, que seu amigo mencionou, na estante de uma livraria e fica imaginando onde viu o anúncio sobre o livro.)

O caso seguinte é uma boa ilustração desse processo: Um casal numa viagem chegou a um lago que lhe parecia muito conhecido. Tinham certeza de que nunca tinham estado antes nessa área e começaram a acreditar que talvez ali tivessem vivido sua vida anterior. Voltaram a Londres e mais uma vez visitaram uma galeria de quadros que tinham visitado pouco antes de sua partida. Ali encontraram um quadro do lago que tinham visto naquela sua viagem. Tinham-no esquecido completamente, contudo o fragmento remanescente da lembrança fora suficiente para criar distintamente uma impressão de "familiaridade".

Em casos raros, a experiência de *déjà vu* contém um elemento de clarividência, mas este apenas se demonstra em casos em que o percipiente chega a algum lugar onde nunca estivera antes, e sua experiência é tão vívida que, além da mera sensação de familiaridade, ele pode lembrar-se de alguma informação adicional acerca do lugar. Quando essa informação é corroborada depois, indica a presença de percepção extra-sensorial.

Certa vez um grupo de turistas chegou a Heidelberg, na Alemanha, e visitou o Castelo. Um deles, que nunca estivera antes no castelo, subitamente teve a impressão de que conhecia o lugar e "lembrou-se" de que existia ali uma sala especial naquela parte do castelo que era inacessível ao público. Pediu um pedaço de papel e traçou um plano da sala. Permitiram-lhe que a visitasse depois, e constatou-se que seu desenho e descrição correspondiam à realidade. Ele teve também a impressão de que existia determinado livro na biblioteca da Universidade de Heidelberg. Conhecia o autor e o título e tinha a sensação de que havia uma observação escrita numa de suas páginas com o nome de um antigo professor alemão. Encontrou-se o livro, e, de fato, nele se achava realmente inscrito o nome do professor.

Realmente não é necessário presumir que o homem vivera naquele castelo ou que possuía aquele livro em sua vida anterior. Talvez tivesse tido um vívido sonho antes de sua visita, no qual soubera clarividemente acerca da existência daquela sala inacessível no castelo ou acerca do livro. Esquecera-se do sonho, contudo a visita ao castelo revivera algumas lembranças latentes e com isso ele se lembrara de alguns detalhes adicionais. (Ou existe ainda a possibilidade de que, quando fazia os preparativos para a viagem, talvez tivesse visto algum livro ou outra informação sobre o castelo em que se descrevera a sala e ele, entretanto, se tivesse esquecido do fato.)

O caso seguinte mostra como uma impressão clarividente pode explicar bem fatos dessa natureza. O sr. Figueroa sonhou que se achava no interior, caminhara por uma larga estrada e chegara a um campo atrás de uma cerca onde um aldeão o acolheu amavelmente. O homem levou-o a um estábulo e daí a sua casa onde encontrou duas mulheres e uma criança. O sr. Figueroa lembrou-se claramente do semblante de todos eles. Notou uma mula que se achava na estrada do estábulo, de tomates, cebolas e de um leito incomum no dormitório. Dois meses depois, acompanhou um amigo a uma aldeia onde nunca estivera antes e reconheceu lá a larga estrada e o campo por detrás da cerca. Contou ao amigo o

sonho que tivera e descreveu a casa nas imediações, seus moradores e móveis. Quando se aproximaram da casa, concretizaram-se todos os detalhes do sonho. Ele reconheceu ali os moradores, a mula, os tomates, as cebolas e encontrou o leito especial no dormitório.

As alegadas recordações de vida anterior representam uma questão um tanto mais complicada. Em comunidades em que há uma crença generalizada no tocante à reencarnação, a experiência *déjà vu* pode assumir um caráter típico: ocasionalmente uma pessoa "lembrar-se-ia" de que vivera anteriormente em algum lugar distante e dá então detalhes sobre esse lugar, os quais são depois julgados exatos.

Em 1926, nasceu uma menina em Deli, chamada Shanti Devi. Desde a idade de quatro anos, ela começara a falar de uma vida anterior ali. Disse que vivera na vila de Muttra (cerca de 160 quilômetros distante de Deli); seu nome era Ludgi, nascera em 1902 e casara-se com um negociante de tecidos de nome Kedar Nath Chaubey; dera à luz a um filho; morrera porém dez dias depois. Aconteceu que Kedar Nath Chaubey realmente existira. Ele morava em Muttra e confirmou os detalhes que a menina dera sobre ele e sua família. Em 1935, quando ele viu Shanti Devi, então com nove anos, ela o reconheceu imediatamente. Kedar Nath Chaubey achava-se acompanhado de sua nova mulher e do filho de dez anos de sua primeira esposa. Ficou muito comovido com o modo pelo qual Shanti Devi pôde responder às perguntas concernentes a sua vida particular com sua primeira mulher. Shanti Devi declarou-lhe que ela enterrara algum dinheiro em certo lugar de sua casa em Muttra, o que se constatou ser exato.

Shanti Devi, que jamais saíra de Deli antes, foi levada a Muttra acompanhada de uma comissão de pesquisadores. Ela imediatamente reconheceu seus antigos parentes (por exemplo, reconheceu os pais de Ludgi num grupo de umas 50 pessoas), guiou os pesquisadores com segurança pela vila até à casa em que, conforme alegara, tinha vivido antes e apontou as modificações que tinham ocorrido na vila desde o tempo em que lá vivera. Conhecia o interior da casa e compreendia expressões do dialeto usado em Muttra, o qual as pessoas que tinham vindo com ela de Deli desconheciam.

Muitos relatos de casos semelhantes foram colhidos (mais recentemente e especialmente por Ian Stevenson), mas não podem necessariamente ser interpretados como prova de reencarnação; mas muitas vezes contêm certos elementos de percepção extra-sensorial. Por exemplo, Shanti Devi, evidentemente, teve uma impressão de P.E.S. de inúmeros detalhes da aldeia distante e esse conhecimento foi dramaticamente distorcido: assumiu certos traços de despersonalização, tendo sido experimentados numa forma determinada pela tradição da cultura local — e daí nasceu o "caso de reencarnação". (Infelizmente, nem mesmo a extensão exata do conteúdo de percepção extra-sensorial no caso pode ser determinada: alguns detalhes, como o reconhecimento dos pais, podem ser explicados também sem P.E.S. — talvez eles tivessem demonstrado certa excitação emocional quando viram Shanti Devi e isso provavelmente os denunciou.)

Ao espalharem-se as crenças em reencarnação em diferentes comunidades, "lembranças de antigas encarnações" apareceram também nos países ocidentais, às vezes com interessantes modificações.

Enquanto o caso Shanti Devi constitui um típico caso de "recordação", no de Watseka — que se segue — o aspecto de despersonalização é consideravelmente mais forte, o qual modificou a experiência tornando-a um típico caso de "possessão".

Uma jovem chamada Mary Roff morreu em 1865, em Watseka, Illinois, à idade de dezoito anos. Nesse tempo, outra menina, Lurancy Vennum, contava catorze meses. Nascera algures e viera à Watseka aos sete anos de idade (seis anos depois da morte de Mary Roff). Os pais de ambas conheciam-se, mas apenas mui superficialmente. Quando Lurancy Vennum tinha catorze anos, sofreu desusada mudança de personalidade: em seguida a um período de transe espontâneo que a acometia, começou subitamente a dizer que ela era Mary Roff, não reconhecia os pais e pedia que a enviassem de volta para sua "casa", para a família Roff. Quando a levaram lá, ela se comportou como o fizera Mary Roff em sua vida. Reconheceu perfeitamente as pessoas que Mary Roff conhecera e lembrou-se com exatidão de acontecimentos da vida de Mary Roff. Essa mudança de personalidade durou três meses e dez dias. Depois disso, Lurancy Vennum voltou à sua personalidade e retornou para a casa dos pais. Dois pontos são de especial interesse neste caso. Primeiro, a discrepância nas datas da morte de Mary Roff e nascimento de Lurancy Vennum: quando Mary morreu, Lurancy já tinha nascido. O caso assume, portanto, mais a semelhança de uma prolongada possessão mediunística idêntica à que encontramos nas sessões espíritas. (Note-se a influência cultural do espiritismo que distingue este caso nos Estados Unidos do caso Shanti Devi, na Índia.) Segundo, há uma observação registrada que indica diretamente que todo o caso deve ser interpretado tão-somente em termos de percepção extra-sensorial: durante o "período de Mary Roff", a menina ocasionalmente entrava num transe em que era clarividente. Por exemplo, uma tarde anunciou que seu "irmão", Frank Roff, nessa ocasião aparentemente gozando de boa saúde, adoeceria gravemente naquela noite, o que realmente aconteceu. Ela pediu que mandassem chamar o médico da família e citou o lugar onde ele seria encontrado. Era um lugar inesperado e, no entanto, ele estava lá.

A explicação que então se sugere é que a mesma capacidade de percepção extra-sensorial que lhe permitira saber da doença de Frank ou de localizar o médico também lhe proporcionara a informação sobre a falecida Mary Roff. Esta informação criou um núcleo em torno do qual se desenvolveu a dramática transformação em sua personalidade.

Em outro caso de Palermo, Sicília, Alexandrina Samona morreu à idade de cinco anos em 15 de março de 1910. Três dias depois, sua mãe sonhou que a menina lhe aparecera e dissera: "Mamãe, não chore mais. Eu não a deixei. Fui apenas a um lugar pouco distante. Eu voltarei assim pequenina." (Indicou o tamanho de uma pequena menina.) O sonho repetiu-se. Mais tarde, numa sessão espírita, a sra. Samona recebeu de Alexandrina a promessa de que ela se reencarnaria numa criança que a sra. Samona ia ter. Em 22 de novembro de 1910, a sra. Samona deu à luz a duas meninas gêmeas. Uma delas semelhava muito Alexandrina e foi-lhe dado esse mesmo nome. Tinha certo número de características físicas e comportamento idênticos à da primeira Alexandrina: canhota, assimetria facial, hiperemia no olho esquerdo, detestava queijo, tinha hábitos especiais em seus folguedos etc. Quando a segunda Alexandrina contava cerca de oito anos, a mãe quis levá-la a outra cidade, onde ela nunca estivera antes. A filha, porém, afirmou que tinha estado lá e descreveu com exatidão alguns

detalhes sobre a cidade. Somente então a sra. Samona se lembrou de que estivera naquela cidade com a primeira Alexandrina uns meses antes de sua morte. A segunda Alexandrina "lembrou-se" também de vários fatos que haviam ocorrido com a primeira Alexandrina.

Um casal americano que fazia uma viagem à volta do mundo visitou Bombaim. Caminharam pela cidade e admiraram-se de já a conhecerem. Não tiveram necessidade de um guia. Muitas vezes podiam predizer o que veriam quando chegavam a uma esquina. Um bairro da cidade lhes parecia especialmente conhecido. Resolveram submeter à prova o conhecimento que tinham da cidade e procuraram certa casa com uma bananeira na horta, da qual se lembravam perfeitamente bem. Quando chegaram ao local onde esperavam encontrar a casa, viram que não estava lá. Por acaso um polícia achava-se por perto. Perguntaram-lhe onde estava a casa com uma bananeira. O polícia lembrou-se de ter ouvido do pai que existira naquele lugar a tal casa. Lembrou-se até que a casa pertencera a uma família chamada Bhan. A coincidência estranha era que o casal havia gostado do nome Bahan (era o nome que tinham dado ao primeiro filho).

Uma pintora holandesa, Henriette Roos, estivera casada por pouco tempo com o sr. Weisz. Depois do divórcio, ela continuou a usar o nome Weisz não obstante as objeções da mãe. Declarou que esse nome se adaptava melhor a ela do que seu nome de solteira, Ross. Um dia, recolheu-se ao leito muito cansada. Compelida por certo impulso interior, entretanto, levantou-se e começou a pintar com uma pressa febril na escuridão. Passado um tempo, terminou e foi deitar-se. Na manhã seguinte, viu que tinha feito o retrato de uma bela jovem. Um amigo seu sugeriu-lhe que levasse o retrato a uma clarividente. Esta entrou em estado de transe e disse-lhe, entre outras coisas: "Estou vendo grandes letras douradas... G-O-Y-A. Ele fala comigo agora. Diz que era um pintor espanhol. Tivera que fugir de seu país e de seus inimigos e que foi você quem o recebera em sua casa numa grande cidade, no sul da França. . . até o fim de sua vida. Sente-se tão grato a você que deseja guiá-la. . . Fez, portanto, com que você pintasse no escuro..." Ao tempo desta comunicação, a sra. Weisz-Ross jamais tinha lido qualquer coisa sobre Goya. Pediu a uma pessoa amiga sua biografia e viu que Goya, durante seu exílio da Espanha, ao fim de sua vida, vivera na casa de Leocadia Weisz.

Casos como esses parece testemunharem fortemente em favor da sobrevivência. Mas seus pontos fracos logo surgem num exame mais atento. Às vezes podem ser explicados mesmo sem P.E.S., como simples ilusão da pessoa que passou pela experiência. (Talvez a sra. Samona que freqüentemente se lembrava afetuosamente da primeira filha Alexandrina desse à segunda certas informações sobre ela e as tivesse esquecido depois). Algumas coincidências que não se enquadram bem na explicação desse esquema (e.g. o nome Bhan) são demasiado raras e podemos, com segurança, presumir que talvez fossem simplesmente coincidências e mesmo mero acaso. Sua feição estranha talvez nos confunda e estimule a procurar indicações mais convincentes; contudo, uma prova de sobrevivência post-mortem não pode basear-se tão-somente nelas.

Talvez a maior parte da atenção pública fosse estimulada por casos em que "reminiscências de uma vida anterior" eram provocadas artificialmente por meio de hipnose. Vimos mais atrás que é possível, por meio de sugestão, regredir uma pessoa e fazê-la viver novamente os fatos de sua vida desde a infância. Alguns psiquiatras empregam essa prática para

detectar experiências traumáticas na infância de seu paciente que talvez estejam ligadas a seus problemas posteriores.

Alguns hipnotizadores, intrigados com a reencarnação, têm também tentado sugerir a seus sujeitos que vivam novamente suas encarnações anteriores. Quando o sujeito hipnotizado aceitava tal sugestão, geralmente criava uma personalidade fictícia baseada em suas experiências passadas, fantasias atuais e desejos no tocante ao futuro. Seria simplesmente uma personalidade fictícia e nada mais, qual a fantasia de um romancista.

Em alguns casos, porém, os hipnotizadores pediam aos sujeitos que dessem tantos detalhes quanto possível sobre suas supostas vidas passadas, registrava esses detalhes e constatavam depois estarem em conformidade com fatos históricos estabelecidos que os sujeitos não poderiam ter conhecido. O filme "On a clear day you can see forever" descreveu com pleno êxito uma experiência dessa natureza. Dentre os inúmeros experimentos relatados na literatura parapsicológica, talvez o caso mais discutido é o de Bridey Murphy.

Uma jovem senhora americana declarou num experimento de regressão hipnótica que vivera numa encarnação anterior na Irlanda entre 1798-1864 sob o nome de Bridey Murphy. Nem ela nem o hipnotizador tinham estado na Irlanda. Ela deu certos detalhes de sua alegada vida anterior. Uma intensa busca foi feita em antigos documentos num esforço para descobrir uma confirmação das declarações que fizera. Embora fosse impossível identificar Bridey Murphy em pessoa, inúmeras asserções do sujeito hipnotizado foram confirmadas ou, pelo menos, achadas em conformidade com a vida na Irlanda naqueles tempos. Muitos daqueles fatos não poderiam normalmente ter sido conhecidos pela jovem senhora americana. Por exemplo, mencionou que comprava os comestíveis de dois merceeiros em Belfast — Farr's e John Carrigan. Estes dois merceeiros, e apenas estes dois, achavam-se relacionados no anuário da cidade de Belfast de 1865-1866.

Não é fácil fazer um exame sobre casos dessa natureza. O ponto mais importante é assegurar que os fatos dados e corroborados são aqueles que o sujeito hipnotizado normalmente não poderia ter conhecido. (A citação acima dos nomes dos dois merceeiros pouco conhecidos que exerciam sua profissão quase um século atrás numa região distante preenche essa condição. Dificilmente se poderia esperar que o sujeito soubesse algo sobre eles numa maneira normal.) Infelizmente detalhes assim obscuros não deixam de ser difíceis para se corroborar uma vez que a prova documentária muitas vezes apenas é acessível com dificuldade ou absolutamente não existe.

O que é importante aqui para nosso exame é que mesmo os melhores casos dessa espécie não podem provar a sobrevivência post-mortem. Podem, quando muito, ser interessantes exemplos de percepção extra-sensorial, mas nada mais. Empregou-se evidentemente a percepção extra-sensorial para revelar os nomes dos dois citados merceeiros — mas não há necessidade de supor que o conhecimento viera como recordação do espírito de Bridey Murphy. Nada existe em casos desse tipo que não se possa explicar pela percepção extra-sensorial, e esta, ao que se constata, constitui uma capacidade de pessoas vivas.

Por conseguinte, mesmo os casos mais extraordinários de regressão hipnótica do tipo de Bridey Murphy não diferem, em essência, de outros casos dessa espécie anteriormente mencionados. Geralmente as pessoas fictícias de "encarnações" passadas são criadas em

torno do núcleo de algum conhecimento recebido pelo sujeito hipnotizado por um meio sensorial normal. Em casos excepcionais, acrescenta-se mais uma fonte de conhecimento: a percepção entra-sensorial. Aliás, o processo de formação fantástica de uma pessoa fictícia, pela despersonalização, permanece o mesmo.

A menos que conheçamos os limites da percepção extra-sensorial e constatemos que o alegado "espírito" ou "entidade reencarnada" tenha fornecido alguma informação que jamais poderia ser obtida por meio dos sentidos sensórios normais, tampouco por meio de percepção extra-sensorial, esses casos nenhuma relação terão com o problema de sobrevivência post-mortem. Podemos notar, nesse sentido, que até o momento não se encontraram limitações à percepção extra-sensorial. Os espíritas sempre afirmam que é o espírito sobrevivente que fala através do médium em transe. Afirmação e prova são, entretanto, coisas diferentes. Como se poderia dar essa prova?

Imaginemos primeiro uma situação algo semelhante. O telefone toca e recebe-se um chamado interurbano. Um homem desconhecido conta-nos que nosso amigo X.Y. está ao lado dele mas que, por uma razão qualquer, não pode falar diretamente ao telefone. (Digamos que ele sofreu um acidente grave, está com a cabeça enfaixada e não pode falar e, ainda assim, deseja transmitir uma mensagem urgente, pedindo-nos que façamos imediatamente um serviço delicado.)

Como podemos ter certeza de que é realmente nosso amigo a pessoa que está dando a mensagem? O único meio possível de saber, parece, é formular algumas perguntas a X.Y. pelo telefone e pedir que sejam respondidas. Se obtivermos informações suficientemente detalhadas sobre questões que somente X.Y. podia saber, estaremos então seguros de que realmente estamos em contato com ele. Quanto mais detalhes forem dados e quanto mais precisas as respostas, maior será nossa certeza.

Esse é precisamente o modo de pensar em que os espíritas procuram provar a existência e identidade dos espíritos comunicantes: O médium (ou o "espírito", segundo acreditavam) transmitia informações que somente eram conhecidas às pessoas falecidas. Citemos alguns exemplos de observações (escolhidas dentre um grande número de outras) em que tais informações eram realmente fornecidas pelo médium; a pessoa falecida parecia, além disso, manifestar um determinado propósito ou traços especiais característicos do suposto comunicante.

Numa sessão espírita, na Itália, o médium L.D. viu-se possuído de algum espírito violento. Começou a comportar-se muito agitadamente, olhou furiosamente em redor e subitamente atacou violentamente um dos visitantes, o sr. X. Agarrou-o com força quase sobre-humana e gritou: "Até que enfim o encontrei, seu bastardo! Você me matou, mas agora vou vingar-me. Vou estrangulá-lo!" Quando o homem foi salvo das garras do médium, disse que era um oficial reformado da Marinha fazia já muito tempo. A reforma verificara-se em seguida a um incidente que tivera no Porto, Portugal. Uma noite, quando passeava pela cidade, ouviu algumas pessoas conversarem em italiano. Entrou na taverna donde vinham as vozes e encontrou alguns marinheiros bêbados lá. Um deles o atacou e ele o feriu com sua espada. Por causa desse incidente foi condenado a seis meses de prisão e reformado.

Na comunicação mediúcnica seguinte, o alegado comunicante falecido até parece exercer certa iniciativa racional. A sra. Dawson-Smith teve várias entrevistas com a médium inglesa, sra. Leonard. Numa que se realizou em 10 de janeiro de 1921, ao que se alega, chegou uma mensagem por intermédio de seu filho então falecido: "(...) E havia uma velha bolsa com um recibo dentro, um pequeno papel. É velho. Desejaria que pudesse encontrá-la. A bolsa é velha, gasta e manchada, está misturada com muitos outros objetos. (...) Procure-a. (...) (É) o canhoto de um documento. Procure encontrá-lo ... Há uma correia estreita perto dele... isso é importante."

Esta descrição era importante para a sra. Dawson-Smith poder encontrar o documento. Era o canhoto de uma ordem de pagamento. Guardara-o porquanto poderia ser uma prova importante, pois o "espírito" do filho insistira para que fosse encontrado. De fato, precisou do documento em 1924 para provar que o filho pagara uma dívida que contraíra em 1914.

F. H. Wood descreveu, em vários livros, um caso em que uma médium inglesa, Rosemary, escrevia automaticamente ou pronunciava mensagens deliberadamente vindas do espírito de Lady Nona, que alega era esposa do faraó egípcio Amenhotep III (cerca do 1400 AC). No decorrer dos anos de investigações, Rosemary enunciara mais de 5000 frases curtas na antiga língua dos egípcios. O egiptólogo A. J. H. Hulme confirmou que a linguagem era realmente do antigo Egito. Preparou algumas perguntas nessa língua antes de comparecer a uma sessão. Quando formulou aquelas perguntas à médium, "Lady Nona" respondeu a elas tão prontamente que deu a impressão de que realmente compreendera a língua. Chegou até a corrigir alguns dos erros linguísticos cometidos por Hulme.

Outro caso é bem documentado no livro "Raymond". Neste livro, o afamado físico inglês Oliver Lodge relata acontecimentos ligados à morte de seu filho Raymond, morto em combate durante a Primeira Guerra Mundial, em 1915, na França. Através da condição mediúcnica da sra. Leonard e também através de outros médiuns (nesse respeito o caso assemelha-se à correspondência cruzada que será discutida mais adiante). Raymond deu certo número de detalhes que eram desconhecidos a todos os que se achavam presentes. As declarações eram tão típicas do falecido Raymond que o pai ficou firmemente convencido da realidade de sua sobrevivência. Por exemplo, numa ocasião a médium queixou-se de que ouvira falar sobre certo sr. Jackson que ele estivera confundindo com algum pássaro num pedestal. "Sr. Jackson" era o nome favorito que os filhos de Lodge haviam dado ao pavão deles que morrera depois e fora empalhado, tendo sido realmente colocado num pedestal.

No decorrer daquelas sessões, descreveu-se também uma fotografia na qual Raymond aparecia com um grupo de outros oficiais. Ninguém sabia dessa fotografia, pois Raymond não a mencionara em suas cartas. A médium descreveu vários detalhes da fotografia, que ele se achava sentado em meio a um grupo de homens, alguns dos quais estavam de pé; havia sido tirada ao ar livre, com um fundo escuro, em que predominavam linhas verticais, e alguém se apoiava sobre seus ombros etc. Uma fotografia recebida pela família dias depois confirmou essas declarações. Foram feitas muitas declarações exatas concernentes a eventos característicos que haviam ocorrido na família Lodge e que a médium não poderia ter sabido.

Talvez bastem esses casos. Podem servir como bons exemplos de percepção extra-sensorial, mas nenhum deles constitui evidência de sobrevivência post-mortem. No primeiro caso

dramático do oficial X, ao invés de aceitarmos a sobrevivência, estaríamos inclinados a admitir que o médium talvez tivesse sentido telepaticamente suas próprias recordações do incidente ou mesmo suas apreensões receoso de que o morto aparecesse na sessão. O acessório dramático é meramente a atuação teatral inconsciente do médium.

O episódio egípcio tem uma característica especialmente interessante no aparente conhecimento de uma língua estrangeira, manifestado pela médium. Mesmo este desempenho, entretanto, não é extraordinário. Parapsicologistas vez ou outra registraram casos em que o médium em transe manifestou aparente conhecimento de alguma língua estrangeira existente. (Não se deve confundir isto com casos em que o médium criou uma linguagem dele mesmo, como a linguagem de marciano de Helene Smith (citada anteriormente). O mecanismo de como uma pessoa chega a esse conhecimento de línguas estrangeiras não está bem conhecido. Alguns relatos talvez sejam exagerados; em outros casos, o médium teve algum acesso normal à língua estrangeira, como se deu com a língua egípcia de Helena Smith. Casos genuínos dessa natureza provavelmente se baseiam em alguma espécie de contato telepático com a pessoa que conhece a língua. (Quando a médium respondeu às perguntas formuladas por Hulme, na língua egípcia, provavelmente ela respondera a seus pensamentos.)

Seja como for, a percepção extra-sensorial explica satisfatoriamente todos os aspectos desse desempenho. A chave pode ser encontrada na descrição típica — conforme dada pela médium — de como a informação é recebida. Nos casos em que Lady Nona falou através da médium (falou geralmente em inglês), as frases na língua egípcia antiga eram ditas apenas ocasionalmente. Quando ela descreveu detalhes da vida no antigo Egito, a explicação oferecida foi: o espírito se expressa gravando seus pensamentos na mente da médium e esta os formula imediatamente em sua língua (inglês), quer oralmente quer por escrito. (Segundo a compreensão que agora temos do processo de percepção extra-sensorial, a informação sobre algum acontecimento é também "gravada na mente do médium"; mas nenhuma entidade desencarnada inteligente é necessária para realizar isto — do mesmo modo que nenhuma desencarnada inteligente é necessária para transmitir raios luminosos a um olho que enxerga — e o suposto espírito comunicante, portanto, apenas complica desnecessariamente o caso.)

O que é ainda mais significativo, a participação de P.E.S. é confirmada pela descrição de como as frases faladas na língua egípcia antiga foram recebidas: Rosemary explicou que "ouvira" as palavras egípcias "claro-auditivamente" (isto é, por P.E.S. que se experimenta na forma auditiva, como na de se ouvirem vozes) e apenas repetira o que ouvira.

Do mesmo modo, consta que Teresa Neumann, de Konnersreuth (célebre por seus estigmas — feridas sangrando constantemente, o que faz lembrar a crucificação de Jesus) disse em seus transe algumas frases em aramaico (a língua que se falava na Palestina no tempo de Jesus Cristo). Ela também explicou que repetia as palavras que ouvia ao passar novamente pela experiência da cena de crucificação.

No caso de Raymond Lodge também as mesmas declarações extraordinariamente exatas não precisavam ser recordações do Raymond sobrevivente, quando a telepatia procedente das pessoas presentes à sessão poderia explicar muita coisa (e.g. o episódio do sr. Jackson) e a clarividência o restante. O médium pode receber informação telepaticamente da pessoa

falecida (quando o contato se estabeleceu no passado, ao tempo em que a pessoa era ainda viva, por meio de telepatia retrocognitiva).

O célebre caso da fotografia de Raymond é também significativo nesse sentido. A descrição da fotografia, conforme foi feita pela médium, está mais em harmonia com a idéia de que a médium recebeu a informação por clarividência da fotografia do que com a explicação baseada nas "recordações" do espírito. Se o "espírito" estivesse realmente descrevendo suas recordações, não tenderia a dar detalhes que a pessoa fotografada provavelmente não nota, mas que se destacam imediatamente quando se contempla a fotografia (o fundo escuro e as linhas verticais nele predominantes).

Essas observações que citamos são especialmente de casos escolhidos dentre os bem sucedidos e que se registraram na atmosfera de sessões de espiritismo. Figuras na mesma categoria de casos menos proeminentes que sugerem logo a explicação de ter havido percepção extra-sensorial, como o seguinte:

A sra. Piper, umas das médiuns mais famosas, realizou certa vez uma sessão para certo sr. J. Mitchel. O filho dele, George, começou — ao que se alega — a falar por intermédio da médium. Ele não podia lembrar-se dos amigos e das viagens que fizera durante a vida, mas quando colocaram seu relógio nas mãos da médium, o "espírito" lembrou-se de que nele se achavam gravadas as letras G.S.M.

Pesquisadores há muito se esforçam por acumular, de suas observações, argumentos tão convincentes quanto possível em favor da sobrevivência post-mortem e têm sido muito engenhosos em seus esforços para encontrar uma prova fundamental.

Contudo, a hipótese de sobrevivência parecia dificilmente plausível a grande número dos primeiros pesquisadores, e logo se lhes apresentou uma explicação alternativa para a sobrevivência: a telepatia. (A clarividência no sentido atual não foi levada em consideração naquele tempo.) Lembremo-nos de que o argumento básico para provar a identidade do "espírito" estava na capacidade de o médium fornecer certas informações específicas conhecidas da pessoa falecida. Mas na sessão mediunística comum, em que os "espíritos" conversavam livremente com os presentes através dos lábios ou da mão do médium, o conhecimento comunicado — embora pudesse ser desconhecido do médium — era conhecido não somente do suposto comunicante morto como, geralmente, dos presentes também. Por conseguinte, sugeriu-se a explicação mais plausível: o médium lia os pensamentos dos que se achavam presentes à sessão.

A fim de enfrentar essa objeção, modificaram-se deliberadamente as condições da sessão com o propósito de excluir a telepatia. Essa mudança assinalou um importante esforço no sentido de afastar-se do primitivo tipo de sessões em que o médium controlava todo o processo e de introduzir técnicas experimentais pelas quais o observador procurava controlar, pelo menos, alguns elementos importantes da sessão.

Encontrou-se um meio importante na tentativa de eliminar a telepatia: *sessões por procuração*. O amigo do experimentador escolhia algum objeto que pertencia a outra pessoa (preferivelmente uma pessoa falecida). Ele era então a única pessoa que conhecia o primeiro dono. Contudo, ele mesmo não abordava o médium, mas entregava o objeto ao

experimentador que dirigia a sessão com o médium em seu favor. O experimentador ignorava completamente a identidade do dono do objeto. Portanto, não podia dar inadvertidamente quaisquer indicações ao médium, e este não poderia ler telepaticamente de seu espírito a informação. Ele registrava as declarações do médium e somente depois de terminada a sessão é que seu amigo revelava a identidade do dono e ajudava a conferir a exatidão das declarações do médium.

Outro meio visando o mesmo objetivo era *testes com livros*. Pedia-se ao médium que desse alguns detalhes do texto que seria encontrado em determinadas páginas de um livro, livro este escolhido ao acaso numa estante, sendo que nenhum dos presentes sabia que livro era.

Tanto nas *sessões por procuração* como nos *testes com livros*, vários médiuns conseguiram dar inúmeros detalhes corretos. Contudo, dado o conhecimento de que a telepatia é apenas uma forma de percepção extra-sensorial e que as observações podem ser facilmente explicadas pela clarividência, tornava-se evidente que elas não tinham nenhuma relação com o problema de sobrevivência post-mortem. Os testes com livro evidentemente se baseavam na clarividência, do mesmo modo que os testes com jornais, nos quais os médiuns eram solicitados a descreverem páginas de jornais que sairiam no dia seguinte. Os testes com jornais submetiam à prova a forma precognitiva de clarividência.

Ademais, nas *sessões por procuração*, os médiuns geralmente podiam fornecer a mesma quantidade de informações sobre objetos independentemente de o dono estar morto ou vivo. Isso evidentemente contesta qualquer ligação entre a morte do dono e a capacidade do médium de fornecer informação não-sensorial sobre ele.

Outra tentativa engenhosa visando provar a sobrevivência era a *correspondência cruzada*. No fundo a idéia era a seguinte: se o desempenho de um único médium não pode provar a sobrevivência porque ele pode empregar a percepção extra-sensorial, seja-nos permitido mostrar que o espírito sobrevivente pode exercer certa iniciativa própria e dar, por exemplo, uma mensagem por meio de vários médiuns. Se ele consegue fazê-lo será indicação de que é uma entidade independente que pode pensar e agir voluntariamente por iniciativa própria e empregar deliberadamente diferentes médiuns como seus instrumentos.

O plano ideal (que provavelmente nunca foi executado com perfeição) era fazer o "espírito" transmitir várias mensagens por meio de diferentes médiuns; cada mensagem, quando separada, seria ininteligível; quando combinadas todas formavam então sentido.

Existe extensa literatura sobre *correspondência cruzada* (publicada em sua maioria nos atos da Sociedade de Pesquisa (de Londres) aproximadamente no período de 1905 a 1920, que é um tanto difícil para se estudar. Essa técnica foi ideada depois do falecimento dos principais fundadores daquela sociedade, os quais tinham grande conhecimento de filologia clássica. Os alegados espíritos desses fundadores manifestavam-se através de escrita automática de diferentes médiuns e comunicavam fragmentos de conhecimentos de literatura e história da Grécia e Roma antigas. (Era esse conhecimento especial que se considerava característica especial daqueles fundadores e indicação da sobrevivência post-mortem de suas pessoas.) Por essa razão, o estudo de *correspondência cruzada* requer muita paciência na coleta de

informações dispersas e muitas vezes fragmentárias bem como extenso conhecimento da antiguidade clássica e do relacionamento pessoal entre os fundadores daquela sociedade e os médiuns.

Mais freqüentemente, o que parecia *correspondência cruzada* eram suas mais simples variações que geralmente chamamos *referências cruzadas*: vários médiuns faziam apenas alusões à mesma idéia ou ao mesmo tópico. Eis um desses casos para ilustração:

Em abril de 1907, no decurso de duas semanas, três diferentes médiuns transmitiram mensagens em que se enfatizava a palavra "morte" (grego: *tranatos*, latim: *mors*). A sra. Piper, nesse tempo na Inglaterra, articulou várias vezes indistintamente palavras como "sanatos" e "thanatos" até que por fim pronunciou claramente a frase: "Quero dizer *thanatos*". Entrementes, na Índia, a sra. Holland automaticamente escreveu esta mensagem: "Maurice. Morris. Mors. E com isso a sombra da morte caiu sobre ele e sua alma saiu de seu limbo." Finalmente a terceira médium, sra. Verral (na Inglaterra) apresentou uma escrita mais longa em que ocorriam também estas palavras:" (...) Pallida mors (...) você tem a palavra claramente escrita com sua própria letra. (...)"

Em certo tempo, atribuía-se muita importância à correspondência cruzada e exagerara-se-lhe o valor de prova no tocante à sobrevivência post-mortem especialmente por causa da aparente atividade intencional manifestada por trás do cenário. Contudo, a informação comunicada era geralmente muito fragmentária e, além disso, podiam-se explicar por telepatia todos os casos. Não era o espírito que manifestava a iniciativa e comunicava através dos diferentes médiuns, mas havia, na realidade, uma ligação telepática estabelecida entre eles. Um dos médiuns sempre controlava a cena e telepaticamente influenciava os outros, fazendo-os enunciarem a mesma informação.

A abordagem mais significativa no tocante à investigação da sobrevivência post-mortem representava, indubitavelmente, os deficientes esforços para elaborar deliberadamente experiências visando a solução deste problema. Infelizmente, muito pouca coisa se fez até agora nesse sentido porquanto o problema não podia ser, apropriada a experimentalmente, atacado com os meios existentes.

Vimos anteriormente que os primeiros argumentos em favor da sobrevivência post-mortem e os esforços para fornecer a prova se baseavam todos numa concepção errônea de que devia haver certo limite à percepção extra-sensorial, e o que ultrapassa este limite deve ser indicador de sobrevivência. (Quando somente a telepatia era considerada possível, interpretavam-se então os casos de clarividência como provas de sobrevivência post-mortem.)

As abordagens experimentais nessa questão de sobrevivência acham-se prejudicadas pela mesma tendência. Primeiro, os projetos experimentais começaram ao tempo em que os parapsicologistas acreditavam ocorrer apenas telepatia, e que quando o médium fornece alguma informação que não é conhecida a nenhuma pessoa viva é suficiente para provar a sobrevivência.

Provavelmente o primeiro pesquisador que demonstrou iniciativa nesse sentido foi o fundador da Sociedade de Pesquisa Psíquica, de Londres, F. W. H. Myers. Em 1891, ele

enviou uma carta lacrada a Oliver Lodge, com instruções de que devia ser conservada fechada, que nenhuma pessoa viva, exceto ele, sabia de seu conteúdo, e que ele procuraria, depois de sua morte, provar a sobrevivência demonstrando que se lembrava de seu conteúdo. Myers morreu em 1901 e, depois de sua morte, seu "espírito" comunicou-se através de vários médiuns e se esforçou por descrever o conteúdo da carta. Abriu-se a carta em 1904. Os pesquisadores ficaram desapontados quando constataram que os médiuns não tinham conseguido dizer com exatidão o teor da carta. O experimento foi, portanto, um completo fracasso.

Igualmente, mais tarde O. Lodge, R. Hodgson e outros deixaram mensagens lacradas cujo conteúdo somente eles conheciam, mas mais uma vez os médiuns não souberam revelar seu teor. O que não deixa de ser uma ironia, quando J. G. Piddington decidiu transmitir postumamente o número 7 (que se tinha tornado uma espécie de obsessão nele e que julgava muito provavelmente sobreviveria em sua memória se ela continuasse a existir depois da morte), aconteceu que vários médiuns já tinham insinuado esse número "sete" durante sua vida. Do mesmo modo que os testes anteriores tinham malogrado por causa da ausência de percepção extra-sensorial, o teste de Piddington falhou porque a percepção extra-sensorial dos médiuns já atuava durante sua vida. (Este resultado demonstrou que nenhuma memória do espírito era necessária para o êxito neste tipo de teste.)

Mas independentemente dos resultados desses testes, já podemos dizer, baseados no conhecimento que até então temos tido, que testes desta natureza não *podem* provar a sobrevivência. Mesmo o resultado mais bem sucedido é explicável em termos de clarividência sem necessidade de se recorrer a espíritos.

Posteriormente, pesquisadores perceberam essa dificuldade e procuraram contorná-la criando situações em que seria difícil ou improvável aplicar a clarividência.

Por exemplo, R. H. Thouless aventou a possibilidade de deixar uma mensagem cifrada e procurar, postumamente, comunicar, através do médium, o código por meio do qual se poderia decifrá-la. Ian Stevenson sugeriu uma modificação para este teste: comunicar postumamente a combinação de que se necessitaria para abrir uma fechadura com segredo.

Não há notícia de que se tenham feito experiências baseadas nestas sugestões. Elas são, por sua própria natureza, projetos a longo prazo. Seja como for, provavelmente não seria de esperar muita coisa deles. *Nenhum* experimento, em que o conteúdo de uma comunicação mediúnica é oferecido como prova de sobrevivência post-mortem, pode fornecer a evidência solicitada a menos que conheçamos os limites que não podem ser excedidos pela percepção extra-sensorial e a menos que a comunicação obtida ultrapasse esses limites.

Uma abordagem muito engenhosa, baseada num princípio inteiramente diferente, foi empregada por W. W. Carrington. Ele tentou responder experimentalmente à pergunta sobre se a pessoa do médium em transe (quando supostamente controlada pelo "espírito") difere da pessoa normal do médium em estado de vigília. Carrington empregou métodos de diagnósticos psicológicos baseados em testes de associação: estudou as reações do médium a várias palavras-estímulos no transe e comparou-as com as reações dele no estado de vigília normal. Não obteve resultados concludentes e, além disso, encontrou outra dificuldade: as

reações das pessoas investigadas mudavam bastante mesmo quando elas apenas vividamente imaginavam ser outros indivíduos.

É certamente desapontador que tantas décadas de esforços despendidos na busca da solução do problema de sobrevivência post-mortem proporcionassem tão poucos resultados positivos. Parece que o malogro é devido a todo o problema ter sido erroneamente formulado.

Quando os pesquisadores falavam em sobrevivência post-mortem, tinham em mente a sobrevivência no sentido do espírito — com a presumível preservação (ou antes aumento) de todas as capacidades e potencialidades que o homem tem durante sua vida. Tinham em mente a ininterrupta continuação da existência individual de todo ser humano, com todos os seus traços característicos, lembranças, ligações e ambições que caracterizavam a pessoa durante sua vida terrena.

Esse conceito é forçosamente falso. Não existe *observação alguma* que provaria convincentemente a sobrevivência nesse sentido. Ao contrário, muitas capacidades humanas são, indubitavelmente, baseadas no corpo físico e, portanto, devem forçosamente desintegrar-se depois da desintegração do corpo.

Evidentemente o problema tem que ser reformulado. A chave está nestas duas perguntas:

(1) que queremos dizer precisamente com a palavra "espírito"?

(2) Que é que sobrevive depois da morte, se é que alguma coisa sobrevive a ela?

Se com a palavra "espírito" queremos dizer apenas o complexo de características e faculdades psicológicas do homem, então sua sobrevivência post-mortem é extremamente improvável. O "espírito", segundo esta definição, desintegra-se com o cérebro. Este conceito de "espírito" é, entretanto, completamente obsoleto e baseado na incompreensão que se tem do verdadeiro estado das coisas. Ele apenas atribuía arbitrariamente às funções psicológicas (que agora se sabe se baseiam no cérebro) certo agente hipotético, não material — não diferentemente do que fizeram os físicos do século XIX quando imaginavam que o éter luminoso era o portador de ondas de luz.

À luz da psicologia e da psicofisiologia de hoje em dia, esta concepção de "espírito" praticamente nada mais é que uma figura de ficção destituída de qualquer conteúdo real. Pode ser comparada à personificação das forças naturais pelos homens da antiguidade: do mesmo modo que o homem da antiguidade acreditava no "deus do amor" (Eros, Amor) ou no "Deus da sabedoria"(Atena, Minerva) — algumas pessoas ainda hoje imaginam que o amor e a sabedoria estão ligados ao "espírito".

Por outro lado, pode-se imaginar o "espírito" como alguma parte não material existente na personalidade humana e dela componente. (Os neurofisiologistas contestam a existência de qualquer parte componente dessa natureza sob o fundamento de que a instrumentação mais moderna não conseguiu detectá-la; contudo, pesquisas parapsicológicas modernas

demonstram ser possível a existência.) Se compreendermos o "espírito" neste sentido e nos acautelarmos para não lhe atribuir quaisquer propriedades adicionais antes de termos suficientes provas reais para assim fazer, poderemos então razoavelmente falar sobre a possibilidade da sobrevivência post-mortem de tal "espírito".

A psicologia apresenta fortes argumentos de que existe realmente uma esfera de regularidades no universo, que se estende além da faixa de regularidade na esfera material. À luz desses argumentos, é completamente plausível que a personalidade humana exista em diferentes níveis e abranja também as partes componentes não materiais (conforme o afirmaram vários filósofos e líderes religiosos da antiguidade). Se essas partes componentes "mais elevadas" existem realmente, não é necessário que morram ao mesmo tempo com o corpo. *Podem* sobreviver. É possível também que tenham propriedades completamente diferentes das que comumente atribuímos aos "espíritos". Entretanto, apenas podemos legitimamente falar até então dessa *possibilidade*. Procurar a prova será o próximo passo — e indubitavelmente um passo muito difícil.

Até então nos acostumamos a colocar o "espírito" diretamente em contradição com a "matéria". Ambos têm sido considerados mutuamente exclusivos, em oposição entre si. Talvez nos auxilie a compreender melhor o Universo se abandonarmos essa contradição artificial.

A física moderna pode mostrar-nos a pista. Comparemos, por exemplo, a matéria e a luz. Não há uma diferença extraordinária e imediatamente aparente entre corpos materiais sólidos e a luz volátil. Desde a segunda metade do século XIX (depois da formulação da teoria de Maxwell sobre eletricidade e magnetismo em 1865 e especialmente depois da descoberta experimental das ondas eletromagnéticas por Hertz, em 1888), reconheceu-se ser a luz idêntica às ondas eletromagnéticas que se propagam com imensa velocidade através do espaço, ao passo que se constatou ser a matéria composta de partículas elementares — prótons, elétrons, nêutrons etc. — as quais foram, ao invés, concebidas como corpos rígidos. Nisso estava uma contradição positivamente bem estabelecida que era ainda mais significativa que a aparente contradição revelada a nossos sentidos: o caráter ondulatório da luz contrastava com o caráter corpuscular da matéria. Contudo o progresso na física tem mostrado que o quadro acima foi super-simplificado. A luz era às vezes um caráter ondulatório, mas fora também mostrada como se comportando, às vezes, à semelhança de minúsculos corpúsculos. A primeira imagem "quer ondas quer corpúsculos" foi transformada em uma imagem mais ampla, mais penetrante e mais precisa: ondas e corpúsculos (com um dos caracteres prevalentes em várias situações). Igualmente mostrou-se também a matéria (partículas elementares de matéria) como tendo propriedades tanto corpusculares como ondulatórias. Assim, a física moderna desenvolveu um conceito de matéria, de integração, que trouxe um "insight" unificador mais profundo para o que antes parecia contraditório: tanto a luz como as partículas elementares são componentes do Universo físico.

Ou, consideremos a aparente contradição entre matéria e energia em geral. A matéria sólida de um lado, e a capacidade indefinível de trabalhar, de outro. Esses conceitos aparentemente opostos foram unificados pela teoria da relatividade, e mostrou-se que a matéria pode ser transformada em energia e vice-versa. Podemos novamente ver como —

quando observamos de um ponto de vista de integração — a antiga contra-distinção desapareceu, dando lugar a um quadro mais amplo e mais envolvente da estrutura intrínseca do Universo.

Convém notar que, quando se descobriu a transformação da matéria em energia, as filosofias populares das ciências naturais (expressas, e.g, por J. H. Jeans ou A. S. Eddington) a interpretaram como "dissolução da matéria em energia", ou, em outras palavras, "espiritualização da matéria". Eles interpretaram mal o sentido do processo em que o constituinte básico do mundo físico (material) apenas *transforma sua forma* em outra. Ao invés, a transformação da matéria "sólida" em energia "fugaz" foi erroneamente apresentada como um argumento para a espiritualidade do Universo. Igualmente, o processo oposto, a transformação da energia em matéria, foi erroneamente interpretada como "criação" da matéria.

Essa má interpretação, datada apenas de poucas décadas, mostra-nos que mesmo homens eminentes, na ciência moderna, podem confundir-se em suas especulações quando procuram tirar prematuramente conclusões antes que haja suficiente número de fatos reais. O "espírito", se é que existe, tem que ser procurado algures, do mesmo modo que o "céu", se é que existe, não pode ser encontrado simplesmente em altas e inacessíveis montanhas (Olimpo) ou no alto acima da Terra, onde os filósofos antigos ou medievais procuraram localizá-lo.

Seja-nos permitido ressaltar novamente este importante ponto: a matéria e a energia aparentemente contraditórias são meramente dois aspectos (como os dois lados de uma moeda, ou as duas faces de Jano, o deus romano) da *realidade objetiva e única* que compõe o universo físico (material). Uma visão mais abrangente "de acima" revelou sua unidade intrínseca.

Contradições semelhantes e debates resultantes, baseados em um conhecimento insuficiente, ocorreram no decurso do desenvolvimento intelectual da humanidade vezes sem conta. Ardentes debates de filósofos escolásticos que procuraram solucionar a contradição entre "*nominalia*" e "*Universalia*" (por exemplo, se um "cão" significa apenas um representante individual de seu gene ou se existe também algo como "semelhança-de-cão") já não nos preocupam, hoje em dia, nem a contra-distinção de Aristóteles entre a *substância* e a *forma* (quando se tem uma bola de borracha, que é mais importante para ela ser o que é: borracha ou a esfera?)

Do mesmo modo, o antigo problema na física — ação a certa distância — perdeu seu mistério quando os físicos começaram a pensar em termos de campos de força. (Hoje não nos preocupa mais a questão sobre como a Terra pode exercer sua influência gravitacional sobre a lua distante — embora esta questão fosse profundo mistério para os físicos uns séculos atrás, os quais não podiam imaginar que a "força" podia ser transmitida sem ser mecanicamente por cordas etc.)

A biologia tem também uma questão que atormentou durante muitos séculos os filósofos: que apareceu primeiro, o ovo ou a galinha? Se a primeira galinha foi chocada de um ovo, quem pôs este ovo? Ou, se a galinha apareceu primeiro, como foi que nasceu? Hoje, com o

conceito de evolução das espécies, a questão perdeu seu antigo mistério: toda espécie desenvolveu-se de formas mais arcaicas numa infundável cadeia de nascimentos.

Em todos esses exemplos, o aparecimento da contradição surgiu da falta de conhecimento. Quando se reuniram mais conhecimentos reais, constatou-se invariavelmente que o aparecimento da contradição era devido à má interpretação e especulações e quando esforços demasiado ambiciosos em dar explicações prematuras ultrapassavam os limites do conhecimento estabelecidos com segurança. Via de regra, uma imagem posterior baseada num "insight" mais penetrante facilmente explicava os problemas que anteriormente pareciam insolúveis.

Igualmente, o problema da relação entre "espírito" e "matéria" será indubitavelmente solucionado no devido tempo quando um conhecimento acumulado e mais amplo tornar possível ligar os contrastes por meio de um quadro unificado e mais completo. Compreender-se-á então que o mundo físico (material) e o mundo não físico da parapsicologia (poder-se-á chamá-lo de "não material" ou "espiritual", se preferir) são dois aspectos de uma *única realidade universal*, que estamos procurando compreender melhor.

Vale a pena mencionar novamente a descoberta da "impregnação mental" que parece ser um produto não físico objetivamente existente da atividade consciente do homem. Uma vez criado, é ele independente de seu produtor vivo e, concebe-se, poderia sobreviver mesmo depois de sua morte.

Existem até mesmo algumas indicações independentes de que este poderia realmente ser o caso: não freqüentemente, mas ainda assim em impressionante número de ocasiões, observaram-se fenômenos parapsicológicos e espontâneos ligados a determinado lugar — geralmente um lugar que se achava associado a algum acontecimento dramático ou fortemente emocional por que se passou (esta é a situação que mais provavelmente contribui para a criação de "impregnação mental"). Em tais lugares, têm-se visto, às vezes, aparições de fantasmas que pareciam indicar achar-se presente alguma formação não material e que deram causa a experiências.

A pesquisa sobre impregnação mental — que se admite agora ser muito incompleta — parece ser a única prova experimental existente a indicar que alguma formação não material, estreitamente ligada ao homem, pode existir independentemente do corpo humano. Se a sobrevivência post-mortem se baseia nessa formação, pode envolver uma espécie de preservação de fortes emoções ou de algumas vívidas lembranças durante algum (não determinado ainda) período de tempo — mas sem a possibilidade de atividade post-mortem deliberada do indivíduo. Muito provavelmente, a sobrevivência desse tipo não seria interessante para muitos espíritas.

Seja-nos permitido concluir este capítulo com a declaração de que a sobrevivência post-mortem — em qualquer forma — não foi provada, mas permanece uma possibilidade. A forma pela qual ocorre (se é que ocorre) terá que ser encontrada por futuras pesquisas. Será tarefa difícil para a futura parapsicologia descobrir se a sobrevivência é uma realidade e em que forma ela se verifica. Maior número de conhecimentos terá que ser acumulado, e as

provas terão que ser cuidadosamente pesadas. Atualmente, será indubitavelmente mais seguro — em vista de nosso conhecimento fragmentário — quando francamente admitimos nada sabermos, adiar a resposta definitiva até um tempo posterior. Newton também o fez seguramente quando defrontou com a questão sobre a natureza da gravidade. Sua resposta foi "*Hypothesis non fingo*" (não invento hipóteses).

Ademais, sejamos francos num ponto. O problema da sobrevivência post-mortem é difícil e complexo, e nosso conhecimento em áreas relevantes é muito escasso. No atual estágio de nosso conhecimento, alguma mudança na tática das pesquisas talvez demonstrasse ser compensadora. Durante muitas décadas, a mais poderosa força na parapsicologia era a pesquisa difícil relativa à sobrevivência post-mortem, mas acontece que o equipamento existente para a pesquisa não era adequado para essa tarefa. Era como estudar radiatividade meramente pela descrição dos minerais radiativos.

Sem contestar o interesse e a importância da sobrevivência post-mortem para a humanidade toda, provavelmente será mais prático — pelo menos no tempo presente — deslocar a ênfase da pesquisa e dirigir a atenção para outra questão a que se pode responder mais facilmente com os meios existentes:

Quais são as potencialidades do ser vivo?

É de esperar que a pesquisa nesse sentido traga muitas descobertas de valor prático e, finalmente, quando se acumular maior número de conhecimentos, venha a satisfazer nossas investigações relativas à sobrevivência post-mortem.

[1] *Esp in the Modern World*, 1972, pp. 120-162.

[2] Este trecho não se encontra na obra acima. O Autor do site pesquisou e então fez essa curta apresentação sobre este eminente parapsicólogo.